MAW

[illegible]

[illegible]

[illegible]
[illegible]

[illegible]

« Vão os anos descendo . . .

. . . .

A fortuna me faz o engenho frio

. . . .

Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento . . . . . »

Camões : Lusíadas : X, 9.

VERSIDADE ✻ LIVR
DA UNI

I

«E querovos dizer a maneira deste feito, segundo meu entender.»
Cronica Geral de Espanha de 1344, ed. de 1951 da Academia Portuguesa da História, cap. 186.

«... a dita história se passou pouco mais ou menos — quero dizer, sem tirar nem pôr — da forma seguinte: ...»
Cavalhº de Oliveira: *Cartas*, carta 25ª da ed. Sá da Costa.

O dia seguinte ... foi um dia agreste, a anunciar o Inverno. Fui cedo para o quartel não sei já porquê; a certa altura apareceu-me lá o alferes do Quadro Auxiliar António Agostinho com ares de apressado ou esbaforido que me disse à queima-roupa:

— Meu major, venha depressa ao Quartel General...

Perante o meu franzir de sobrancelhas interrogativo, acrescentou:

— O sr. Coronel Gomes quer falar-lhe... Tenho ali um carro...

No caminho, aos poucos, explicou-me: um comboio com tropas da Junta do Porto q. estiveram no cerco a Santarem, comandadas pelo cor.^el^ Artur da Silva Ramos, um dos chefes da Junta e, por consequencia, membro do Governo Provisorio da Monarquia, vinha a caminho de Coimbra não se sabia com que intenções. O cor.^el^ Gomes que estava a comandar a Divisão (porque o General ~~sidoe~~ cêra) queria reunir duas companhias de infantaria e posta-las nos altos chamados da Forca, junto ao Cimiterio da Conchada, para se oporem á possivel entrada na cidade daquelas forças suspeitas e queria que eu ~~as~~ fosse dirigir a operação.

Ao ouvir o alferes dizia p.ª comigo:

— Não ha duvida... para as espigas cá estou eu...

No Quartel-Gen.^al^ o bom do coronel Francisco Gomes, muito abatido e apreensivo, expôz-me o caso e queria que eu fosse comandar as duas companhias.

Trocámos impressões. Eu, ha muito fóra de tropas, sem todavia me recusar á diligencia, mostrei apenas certas duvidas acerca da eficácia do meu comando. Estava, porem, presente o major Castilho Nobre, oficial de Infantaria com o curso do Estado-Maior e aviadôr que se apresentara fugido não me lembro de onde e se oferecia para qualquer missão; eu aproveitei a sua presença para o convidar a ir comigo — principalmente por causa das posições bastante altas sobre a Ponte das Aguas de Maias que implicávam dificuldades na boa aplicação dos fogos.

Ele aceitou com boa vontade e lá fomos para o Altó da Forca esperar pelas duas companhias.

Uma delas lembro-me de que era comandada pelo capitão Joaquim Gonçalves Mendes, bom oficial e bom amigo; a outra, não me recordo já de quem a comandava.

Chegadas as tropas, dispuseram-se convenientemente para baterem a estrada com vantagem; o Castilho Nobre fez-me observações acerca da eficácia de fogos que eu, com franqueza, recebi com agrado porque

era assunto que pouco conhecia. Os soldados tiveram que descer por isso um bocado bom na encosta m.to aspera, com o inconveniente de ficarem bastante a descoberto. Mas, enfim, foi o que melhor se conseguiu depois de rapido estudo de todo o terreno.

E ficámos á espéra...

O dia continuava fusco; havia certa neblina e por vézes chuviscos; o ar era bastante agreste e naquele alto, tão exposto, era muito friór. Passado algum tempo, ouviu-se, para os lados da Bemcanta, um silvo de locomotiva e avistou-se uma colunasita de fumo por entre as arvores.

— Lá vem eles!

De facto, daí a pouco, surgiu do arvorêdo da margem esquerda o combóio, vagaroso, com ares de quem não vinha grande pressa. Quando entrou na ponte e eu vi que era muito extenso, confesso que senti certa emoção estranha; ia-me ver a braços, pela primeira vêz, com um dize-tu-direi-eu por meio de balazios...

Seria mêdo? Creio que não. O mêdo deve manifestar-se de outro modo; seria

antes a comoção da mocidade, dum espectáculo para mim inédito e bem contra os meus princípios e até contra as minhas aspirações.

Mas teria de ser. O comboio encheu a ponte e, cada vez mais devagar, entrou na estação e parou. Na cauda seguiam varios vagons com material de Artelharia, metralhadoras e viaturas.

Com o binoculo, que me lembrei de levar, vi que duma carruagem saíram oficiais que percorreram a composição de onde não vi sair soldados; mas notei que as nossas forças foram vistas e que alguns oficiais falavam com gestos largos e apontando-nos.

O que se passava? Formulámos varias hipoteses durante talvez mais de meia hora em que na estação se não via movim.to senão de oficiais; mas, ao mesmo tempo, pensávamos na possivel atitude do Grupo de Artelh.a do major Mont.o de Barros que, de S.ta Clara, nos poderia colocar entre dois fogos no caso das forças do comboio quererem desembarcar e entrar em Coimbra.

Medi a situação e devo aqui deixar dito que a medi com serenidade — o que ainda hoje me satisfaz. Seria um combate in-

glorio e . . . estupido, mas o meu estado de espirito era bom para uma estreia e no sei que, quer o Castilho Nobre, quer o Joaqm Mendes ou os outros (de quem já me não lembro) estavam despreocupados como pessoas vindas das trincheiras da Flandres para quem um caso destes não tinha importancia de qualquer ordem como aliás era bem natural.

Ao fim de cerca de uma hora, um oficial veio dizer-me, em nome do Corel Gomes que devia retirar a força das posições que ocupava e faze-la desaparecer das vistas dos homens do comboio; parecia-lhe que não quereriam seguir para o Norte debaixo da nossa ameaça; e desde que nós recolhessemos eles seguiriam viagem.

Neste momento vimos manobras na estação; desligáram os vagões do material e meteram-nos em outra linha; concluimos que quereriam aligeirar o comboio que, na verdade, era excessivamte comprido.

No entretanto, bem á vista, os meus soldados subiram a encosta; fi-los reunir no caminho que contorna o cimitério; preveni os capitães de que deveriam formar no Largo

fronteiro, já fóra das vistas dos viajantes, á espera de ordens; passei ligeira revista de modo a ser observado lá de baixo, da estação; e com Toques de corneta á frente, as duas companhias afastaram-se para o destino indicado.

Eu e o Castilho Nobre fingimos que seguiámos com as tropas mas mais adeante escondêmo-nos nuns arbustos e ficámos de observação. Na verdade, pouco depois, o combóio do pessoal deslisou linha fóra e passado um bocado seguiu o do material.

Um alivio!

Mandei telefonar para o Q.el General informando de que os homens retiráram e ao mesmo tempo recebi um bilhete que ainda conservo,(1) assinado pelo capitão Azinhais, comand.te de uma diligencia do Regim.to de Infantaria n.º 5 que estava em Coimbra não sei já porquê, no qual me era comunicado que, por ordem do Cor.el Francisco Gomes deveria, com as forças do meu comando, retirar para o quartél da rua da Sofia onde ficaria esperando ordens.

(1) Na pasta já cit.a de recortes.

Mandei as duas comp.as para o quartel da Sofia (nesse tempo, se me não engano, de um Grupo de Administração Militar) e fui com o Castilho Nobre(1) ao Quartel General falar com o Cor.el Francisco Gomes.

Este então contou que os homens do comboio se indignáram quando viram as forças postádas na encosta da Conchada e lhe telefonáram um pouco destemperadamente; o coronel Gomes teve então a boa ideia de lhes mandar o Gomes de Sousa como parlamentario para os convencer a irem embora e nos deixarem em paz.

O Gomes de Sousa foi e devia ter sido diplomata se não foi velhaco; o que se passou entre este e os monarquicos não se soube mas o resultado foi o melhor possivel — tanto mais que em conversas ele confessou que a soldadesca do comboio vinha desmoralisada e quase insubordinada por falta de alimentação regular depois de dias invernosos sem alojamentos convenientes.

Lá foram para o Porto engrossar as fi-

---

(1) Este bom oficial morreu pouco depois, duma quéda de avião, em

leiras monarquicas; mas, em compensação, com moral muito baixo — o que, de certo, lhes não daria vantagens.

E eu fui para casa, extenuado, não fisicamente, mas pela tensão nervosa em que vivi naquelas horas. Se bem me lembro tive de mudar de farda e calçado porque ia molhado; e se me não engano almocei com relativo sossêgo.

Terminára o prologo da peça de grande espectaculo a que iria assistir e de que tambem iria ser actor embora estreante e por consequencia de classe ou categoria bastante inferior.

O dia 21 passou-se na espectativa... De quê?... Parece que andava tudo ás aranhas; as noticias eram contraditorias e falava-se da ida de tropas para Aveiro reforçar as da guarnição que não eram muitas.

A opinião republicana na cidade andava inquieta e na noite desse dia organizou-se na Baixa uma manifestação que subiu ao Quartel-General com a intenção de solicitar do Comando não só a soltura dos presos de 12 de Outubro como tambem

a boa escolha dos oficiais que deveriam comandar quaisquer daqueles reforços.

Disseram-me que um dos delegados da manifestação que subiram ao gabinete do Cor.el Francisco Gomes foi o advogado António Leitão (velho amigo e condiscipulo desde o Liceu) que, ao discursar, lembrou o meu nome como, naquela altura, um dos raros oficiais superiores dignos de confiança para tal missão.

E infelizmente para o regime, o Leitão falava verdade: poucos, no momento, poderiam inspirar confiança.

Creio, contudo, que não foi necessario ao Cor.el Gomes lembrar-lhe o meu nome; a essa hora já eu estava na Estação-Velha para seguir para Aveiro.

O bom Cor.el Francisco Gomes, nessa tarde do dia 21, mandára-me chamar. Ainda estáva, interinamente a comandar a Divisão por motivo de doença verdadeira ou fingida do Gen.al Tamagnini. Fui, é claro, ao Quartel-General, a cogitar que mais uma vêz ia ser cravado...

O bom amigo, coitado, com ar de prevalisado e muito abatido por excesso de trabalho e preocupações, disse-me que eu tinha

de ir comandar um comboio com tropas que se estava a organizar com a possivel rapidez, pois não só era necessario reforçar a frente do Vouga onde o Cor.el José Domingues Peres estava empenhado na possivel defesa, como tambem porque se esperava que viesse uma coluna realista, em automoveis, na direcção de Albergaria.

Exigia-se, pois, de mim, mais outra espipa e esta de maior vulto — alem de me parecer ainda tudo aquilo uma incognita. Eu continuava a perguntar aos meus botões se o exercito que não estava com a Junta se manteria dentro das normas legais, isto é, se acataria as ordens do Governo de Lisboa.

A Monarquia foi geralmente acatada no Norte e em Vizeu (e se me não engano em Lamego) as tropas fizeram mais ou menos causa comum. A situação tinha pois seus perigos — alem do perigo maior que era o da pouca confiança que nos merecia o Governo.

Enfim, não discuti com o bom Cor.el Gomes senão a minha insuficiencia de comando que, no relatorio depois entregue, quiz mencionar como esclarecimento para qual.

quer deslise que porventura cometesse. No entretanto, sentia que me caía em cima responsabilidade que (confesso) «sempre jul-
"guei superior á minha competência profis-
"sional e á minha saude» nessa altura um tanto ou quanto abalada ainda desde a grippe pneumonica de Outubro anterior que me mar con por algum tempo e me impunha certos cuidados.

Mas... acabou-se. Mostrei boa cára e prometi fazer o que podesse.

Tinha de levar um ajudante e, francam.te com tão pouca gente de confiança, não sabia quem escolher. Os que me agradavam, e eram poucos, não podiam ir. Felizmente, andava no Quartel-Gen.al sem saber o que fazer, um rapaz alferes miliciano de Artelh.a Carlos de Alpoim Castro Lopes, bacharel em Direito, que com o Castilho Nobre, fugira de qualquer prisão se me não engano a seguir a revolta de Santarem. Conversára muito com ele e simpatisei bastante com o seu ar desembaraçado; lembrei-me de o convidar, ele aceitou, o Cor.el Gomes concordou e assim, sem querer, levei um ajudante distinto, condecorado com uma Cruz de Guerra.

Depois, recebidas as indicações do Comando e regularizadas as coisas familiares fui para a Estação-Velha esperar a organização do comboio e a chegada duma bataria de Artilharia que fôra mandada vir da Figueira.

E, já agora, enfim... sempre conto:

No Quartel-General fazia serviço, não sei por que bulas, o meu condiscípulo João Duarte Benfeito que, naquela movimentada quadra se mostrou demasiadamente sidonista, com tendencias monarquicas, e nas relações com oficiais presos desde 12 de Outubro foi um tanto ou quanto agreste.

O Benfeito era, no curso, considerado bom rapaz e todos nós o tinhamos por inofensivo; nada inteligente, sempre bem disposto, cavaqueador, tinha o condão de alegrar qualquer reunião de amigos, ou conhecidos, em que se encontrasse.

Ora aconteceu que, quando me despedi do Cor.el Gomes e fui a 1.ª Repartição receber a guia de marcha, foi o Benfeito que ma entregou com certo sorriso que poderia não ser intencional (e não deveria ser) mas que no estado de espirito em que eu estava me irritou repentinamente e ainda por ver a ordem

de marcha assinada por ele em nome do Chefe do Estado-Maior.

Tive um máu repente, confesso; rasgando a guia, atirei-lha á cara berrando:

— Só aceito guia assinada por alguem que tenha autorid.e para isso!

Fui, realmente, cruel e, digo-o hoje sem relutância, injusto. O pobre do Benfeito sentou-se, pôz as mãos na cabeça e d'ai a pouco teve o que vulgarmente se chama um faniço... Levantou-se certo alarido, uns acudiram ao Benfeito que estava sem sentidos; outros olhávam admirados para o escandalo; e eu safei-me e fui para a Estação-Velha ainda irritado e um tanto incomodado pelo aborrecimento que o caso daria ao Cor.el Gomes que era amigo do João Benfeito.

As m.as relações com o Benfeito foram sempre m.to amistosas; em 1903, em Outubro, salvo erro, numa passagem por Santarem, em passeio, comi um belo jantar em casa dos páis dele que viviam na Ribeira, junto ao Tejo, em belo predio antigo onde foi recebido com afavel e sincera hospitalidade. Passados m.tos anos, em 1927,

numa reunião do curso, no Buçaco, diri-
gi-me a ele, como se nada tivesse havi-
do, dei-lhe um abraço apertado acompa-
nhado de palavras alegres.

Ele sensibilizou-se; não soube o que
dizer e p.ª corresponder á minha reconci-
liação sem reservas, só encontrou, na sua
atrapalhação, a pergunta feita com voz um
pouco trémula:

— Ouve cá... Como está teu Pai?...

Comovi-me também. Eu creio que ele
nunca teria falado com meu Pai.

E ficámos amigos como éramos.

Na estação dos Caminhos de Ferro en-
contrei, como delegado do Comando Mili-
tar, o Alexandre de Morais, creio que
ainda alferes. Ao ver-me chegar e ao cum-
primentar-me, largou-me com graça
certas considerações acerca dos altos e bai-
xos da Política:

— Ora veja o meu major como são
as coisas, como os homens sobem e des-
cem... Ha dois dias V.Ex.ª era creatura per-
feita, na mó de baixo, com possibilidade,
dum momento para o outro ir parar a

uma cadeira... E hoje é Vsa. a pessoa em quem só se confia...

Este Alexandre de Morais, hoje bripadeiro graduado é mt.º inteligente, muito desembaraçado e teve vida militar de certo relevo; é porem de caracter duvidoso, nunca se sabe bem o que ele é e o que pensa; e isso lhe custou, por vezes, amargos de boca. Durante a permanencia em Coimbra, em tenente, foi negociante de moveis antigos, com loja na rua dos Coutinhos, salvo erro; e ficaram conhecidas algumas tranquibérnias em que se meteu mas de que soube sempre sair bem.

Era, e é, pessoa simpatica, muito bem educado, sabe lidar com toda a espécie de gente e hoje apregôa o seu bem estar de reformado com perto de uma duzia de netos que lhe encantam o carrinho para a velhice. E', porem, um grande gajo...

Na estação pareceu-me que os serviços andavam emperrados; a urgencia de mandar tropas para o Norte transformára-se em vapores; o Morais apertava (ou fingia apertar) com o pessoal; o pessoal andava dum lado para o outro; e a noite

caiu e o comboio só com muito custo se formou.

Telefonei ao Cor.el Francisco Gomes, queixando-me; ele, coitado, não sabia que fazer, limitou-se a mandar novas ordens para os funcionarios respectivos da Companhia solicitando urgencia.

Visto chegou a companhia de Infantaria n.º 23 comandada pelo tenente José Augusto da Cruz (não haveria capitão em condições?) constituida por dois pelotões.

Só muito tarde chegou da Figueira da Foz um pequeno comboio com uma ~~secção~~ de Artelh.a de ~~tres~~ peças Krupp[1], das antigas de alma lisa, recentemente estriadas no nosso arsenal, comandada por um alferes do Quadro Auxiliar Rocha ~~não~~ se a memoria me não está a enganar.

Manobras para um lado, manobras para o outro, reunido o material todo e embarcado o pessoal, o comboio lá abalou, já por noite adeantada, a caminho de Aveiro.

Era este o reforço que se mandava para a linha do Vouga, debaixo da ameaça

[1] De 9 c. M.K.

0-2

duma marcha ofensiva das tropas monarquicas, de mais a mais com o destemido Paiva Couceiro á frente.

Mas era o que havia. Lá fomos andando, pelo escuro da noite, com paragens constantes e demoradas — até que chegámos a Aveiro quase de madrugada com frio e humidade intensos.

A' nossa espera, na estação, estava um oficial em nome do coronel José Domingues Peres para indicar os nossos destinos; as tropas foram aquarteladas e eu, c/o ajudante, seguimos num automovel para o quartel do regim.^to^ de Infant.^a^ n.º 24 onde me apresentei ao comandante.

Estava este, o cor.^el^ José Domingues Peres embrulhado num capote, com ar de friorento e recebeu-me com cortezia; era homem baixo, seco, aspecto simpatico com olhar vivo; falava com facilid.^e^ e correcção; e vi, pela maneira como me pôz ao corrente da situação e como deu com clareza e segurança as suas ordens, que era creatura para se impôr e para inspirar confiança. Fiquei com a melhor impressão; vinha, aliás, precedido da melhor fama pela for-

ma como comandou em França a briga-
da formada pelos batalhões de Infantaria
nº. 23, 24 e 28.

Disse-me ele que nas estradas Aveiro-
Angeja e Aveiro-Eixo já estavam duas
companhias de Inf.ª 24 com serviço de vi-
gilancia montado; que, com a do 23 que
viera no comboio estabelecesse uma reserva
de postos avançados e escolhesse posição con-
veniente para a secção de Artilharia poder
bater qualquer das estradas citadas; e ain-
da ordenou-me que seguisse para a Es-
gueira, centro de convergencia das estradas
e que seria o ponto de apoio da defesa proxi-
ma da cidade de Aveiro.

Resumia-se nisto a defesa de Aveiro e
das comunicações para Sul; era pouco, era
até muito pouco, mas era o que havia e
com isso teriamos de nos contentar.

Quando saí era já dia claro; fui tomar
uma refeição quente e depois segui para a
Esgueira onde o regedor me arranjou uma
casa desabitada para meu boleto perto do lar-
go onde está o pelourinho.

O regedor requereu ao dono do predio, o
fidalgote Coutinho de Almeida de Eça que vivia

ao lado num palacio de bela aparencia, o indispensavel mobiliario e assim fiquei instalado como comand.te da defesa proxima da cidade, e bem pobremente.

O fidalgo de nome m.to comprido fôra avaro nas concessões: apenas um colchão no sobrado, sem roupa branca, uns colchetares, um lavatorio qualquer, etc.

Percorri, a pé, o sector, travei conhecimento com os oficiais das companhias de Inf.a n.o 24, ouvi-os com atenção e dei as instruções que me pareceram convenientes de harmonia com o que ouvira ao comandante Peres. Com o alferes de Artelharia e o meu ajudante Alpoim Castro Lopes, que era artilheiro miliciano, fomos escolher a posição para a secção que ficou instalada numa clareira dum pinhal á esquerda da estrada para o Eixo; os dois artilheiros lá fizeram os seus calculos em que me não meti — e fiquei assim com o sector devidamente estabelecido á espera de que viesse do lado da Monarquia algum sinal de ataque ou alguma surpresa.

Nada veiu contra nós: nem uma nem outra coisa.

A companhia de Infant.ª 24 saída do quartel de Aveiro, era comandada pelo tenente Francisco Maria Soares, aveirense, chegado há pouco da guerra com a saúde abalada. Rapaz distinto e bem educado, com certa cultura, desembaraçado e com bom critério, foi um excelente companheiro e leal auxiliar em tudo.

A outra companhia, saída de Ovar logo em 19, ao saber-se o que houve no Porto, constituída por toda a força do 3.º Batalhão ali aquartelado, era comandada pelo capitão Zeferino Camossa Ferraz de Abreu e contava mais dois capitães: o Bernardino Sena Lopes e o Manuel Rodrigues Leite, todos três bons oficiais, aprumados, resolutos e velhos republicanos.

Eram amigos uns dos outros e, ao chegarem a Aveiro, solicitaram do Cor.el Domingues Peres a excepção de ficarem todos três na mesma companhia — e assim andaram até final.

Interessante até notar que os subalternos desse 3.º Batalhão eram todos republicanos seguros e decididos. Debaixo desse aspecto, a companhia de Ovar era um ver-

dadeiro baluarte, irmanado em espírito com o comand.te Camossa, excelente oficial, belo caracter e invulgar correcção e aprumo.

De maneira geral a composição do Batalhão agradava-me e até á chegada ao Porto não me deu qualquer aborrecimento.

O dia 22 passou-se, pois, á espera; á tarde, durante uma restea de sol, sentámo-nos, eu e o Alpoim Castro Lopes, nos degráos do pelourinho da Esgueira a falámos sobre Literatura, sobre Arte, sobre viágens, como se nada á volta cheirasse a luta tão desagradavel.

Antes da guerra de 1914-918, o Alpoim viajára pela Europa, era bastante culto, conversava com graça acerca das suas aventuras no estrangeiro, tinha sempre assunto para entreter os ocios de modo que foi um excelente companheiro, alegre, optimista e de bom conselho.

Eu ia todos os dias a Aveiro saber o que havia e receber ordens; ia e voltava a pé pois quanto a viaturas... não havia. Lembro-me de que numa dessas idas á cidade comprei, numa livraria, o livro A Capital

Federal, do brasileiro Coelho Neto, então muito em voga, editado pelos Lelos, do Porto. Lá o ia lendo, aos poucos, quando tinha ocasião e o espírito mais tranquilo.

Todas as manhãs percorria o sector e conversava com os oficiais — todos aborrecidos porque havia completa inacção e eles queriam movimento.

Lembro-me dum episódio insignificante mas que deixo aqui contado porque se deu com pessoas de nome e autoridade. Numa dessas manhãs, ao lusco-fusco, ao visitar os postos acompanhado pelo Ten.te Francisco M.a Soares, parámos num colocado ao cimo duma recta da estrada para o Lixo; o terreno estava encharcado, havia humidade muito fria, quase nevoeiro; ao falarmos o bafo condensava-se.

Lá ao fundo da recta viu-se, a certa altura um vulto negro subir com rapidez; ao aproximar-se percebemos que era um homem em bicicleta; e com a diminuição da distancia viu-se que esse homem tinha barbas brancas bem grandes que a aragem obrigava a agitar. Os soldados riam-se da aparição; eu e o Soares ficámos intrigados até

que a sentinela destacada a uns 100 metros mandou parar o individuo. As ordens eram severas acerca da entrada de gente dos arredores na cidade.

O Soares, então, puxou do binoculo e disse-me com certo espanto:

— E' o Magalhães Lima!

— Com certeza?

— Com certeza.

— Vamos lá falar-lhe...

Tratava-se do Jaime de Magalhães Lima que vinha da sua residencia no Eixo, aquela hora matutina para a cidade. Creio que nunca o vira e só o conhecia de nome pelas suas obras, algumas das quais possuo e li com interesse. Era personalid.^e de certo relevo, homem de letras e meio filosofo.

Aproximando-nos vi que ele discutia com o soldado um tanto ou quanto irritado; saudei-o e perguntei-lhe o que desejava e ao responder-me secamente que queria ir a Aveiro, observei-lhe que estavam proibidas com rigor as entradas na cidade de gente dos arredores. O dr. Magalhães Lima mostrou-se contrariado e eu então tive um rasgo de que ainda hoje me rio e de que me não

arrependido. Com os melhores modos de que podia dispôr na ocasião disse-lhe:

— Realmente as ordens são rigorosas; mas como se trata do sr. Dr. Magalhães Lima, eu não tenho duvida em cometer uma infracção. Póde V.Ex.ª seguir...

Ele olhou-me fixamente com os olhos claros e grandes, naturalmente admirado por eu o conhecer e lhe dar aquela tão ampla liberd.ª de transito. Montou na bicicleta e sem dizer palavra largou para Aveiro. Eu e o te nente ficámos calados a olhar; mas o solda do de sentinela foi mais positivo e exclamou:

— Arre, que é malcreado!

Rimos-nos e voltámos ao posto, concor dado intimamente que o soldado não deixá va de ter razão.

O que iria o Magalhães Lima fazer ~~que~~ àquela hora e com tal tempo para Aveiro? Eu confiei na sua figura moral e que não iria levar qualquer recado ou informação dos correligionarios como agente de ligação.

Mas, pelo sim e pelo não, quando á tar de fui ao comando receber ordens, contei o caso ao Cor.el Peres e ao Comand.te Silverio da Rocha e Cunha, capitão do porto de Aveiro

que, na emergencia fazia de chefe do Estado Maior. Ambos concordaram em que fiz bem, ambos respeitavam o velho escritor e não punham a hipotese de qualquer interferencia na contenda que se travava.

Voltando á situação inactiva em que estavamos na Castanheira, é melhor transcrever o que deixei escrito no relatorio que depois entreguei no Porto; define bem o que se passava e que era um tanto ou quanto estranho e me deixava razões para comentarios intimos q. não seriam agradaveis ditos em voz alta:

«Em 24 chegou o primeiro reforço a que
"o comando deu por missão inquietar, alem
"do Vouga, a aproximação dos rebeldes de Al-
"bergaria que, nesse mesmo dia, foi ataca-
"da, ao mesmo tempo que chegou uma for-
"ça de civis que foi mandada guardar e defen-
"der a ponte do caminho de ferro e a de ma-
"deira, sobre o Vouga, em Cacia, tendo-se
"completado a destruição desta ultima sob
"a protecção duma pequena força de Infanta-
"ria n.º 24.»

Interrompendo... Na verdade, no dia 24, estavamos eu e o Carlos Alpoim sentados nos

degráus do pelourinho da Pesqueira, depois do almoço, quando sentimos passos cadenciados do lado de Aveiro. Era um pelotão dos seus 30 homens, vestidos civilmente, mas equipados como soldados de Infantaria e comandados por um garboso aspirante saído da Escola do Exercito e se oferecera para combater contra os monarquicos.

Ao avistar-me, o aspirante mandou «Frente á esquerda... Alto!», alerir fileiras e fez a continencia regulamentar. Aproximei-me com a possivel solenidade, passei revista á formação, disse duas palavras amaveis e dei mais minuciosas instruções acerca da missão de que foram encarregados, pelo comando — missão que me pareceu superior á capacidade militar daquele reduzido agrupamento

Mas, enfim, feitas as continencias, mandei os homens ao seu destino e fiquei a comentar, com o meu ajudante, a ligeireza com que se entregou a uma força sem consistencia uma defesa de importancia como era a das duas pontes.

Mais adeante falarei de como se portaram estes voluntarios quando a guerra co-

meçou a dar sinal de si e a cheirar um pouco ao chamusco.

Continuando com a transcrição do relatorio...

«Tudo isto, porem, continuava a ser in-
"suficiente tanto mais que, ao mesmo tem-
"po que os rebeldes, em grande numero, ata-
"cavam Albergaria, avançavam tambem por
"Estarreja, até Salreu onde entraram neste dia
"24, ameaçando o sector esquerdo que estava
"quase sem defesa.

«Na madrugada de 25 fez-se um reconhe-
"cimento pela estrada Angeja-Fontão-Frias com
"o fim de esclarecer a marcha dos rebeldes, es-
"pecialmente por causa do sector de Cacia; este
"reconhecimento foi feito com inteligencia pelo
"alferes de Infant.ª 24 Vitorino Pereira Tavares que
"foi acompanhado pelo cidadão Vicente Marques
"de Oliveira, de Alquerubim, e dele resultou o
"conhecimento tão exacto quanto possivel, da si-
"tuação do inimigo.

«Outra insuficiencia que eu notei foi a do
"comando de todas estas forças.

«Eu estava na Esgueira com as forças in-
"dicadas; ao passo que vinham reforços, estes se
"guiam ao seu destino sem que, duma forma

"claro, concreta, se indicasse quem as coman-
"dava directamente; alem disso, as forças es-
"tavam então espalhadas desde a ponte do Ca-
"minho de Ferro de Cacia, até Eirol, sobre a pon-
"te da Prata; havendo ainda forças do regim.to
"de Infantaria n.º 24 e uma divisão Krupp de Ar-
"telharia em Albergaria-a-Nova que não sa-
"biam da minha existencia e eu, na Cesqueira,
"não tinha meio qualquer de transporte nem
"agentes de ligação, alem duns ciclistas de Infan-
"taria n.º 24.

«Umas vêzes o Comando de Aveiro dava
"ordens directas ás forças avançadas; outras
"vêzes dava-as a mim; e, quando isto acon-
"tecia, a transmissão das mesmas ordens tor-
"nava-se demorada porque eu não tinha quem
"as levasse ao seu destino.

«Havia, pois, uma certa confusão e irregu-
"laridade em tudo que aumentaram com a
"chegada, em 25, do importante reforço coman-
"dado pelo capitão de Infant.ª 35 Romano Bar-
"rabé Ferreira — reforço que me não foi co-
"municado e muito menos posto ás minhas
"ordens.

«Deu-se o caso até de, nesse dia, ao rece-
"ber uma comunicação do Comando militar

"dizendo que, com a retirada da coluna que
"estava em Albergaria a Cavalaria rebelde se
"aproximava da ponte da Prata, por Alqueru-
"bim, eu ir a S. João de Loure e Eirol num
"automovel do sr. Comissario de Policia que ca-
"sualmente passou na Esgueira e amavel-
"mente se ofereceu p.a me levar. Verifiquei,
"então, que nas forças que cobriam as pontes,
"não havia direcção, pois todas se julgavam
"independentes e apenas subordinadas ao Co-
"mando central de Aveiro; verifiquei, com
"desgosto, que daquela forma se não podia fa-
"zer uma defesa eficaz e tive a impressão nu-
"ga de que nem todos os comandantes das for-
"ças, acatariam de boa mente o meu comando
"não sei bem porquê, mas certamente por
"motivos ponderosos.

«Resolvi ir a Aveiro, nessa tarde de 25
"e, expondo clara e honradamente a situação
"ao Ex.mo Coronel Peres, pedi para que se désse
"unidade e energia ao comando de tantas for-
"ças e declarei mais que me não sentia muito
"bem para comandar tantas, tão afastadas e
"tão diversas tropas.»

Realmente o quadro estava bem descrito;
ainda passados quase 44 anos, não vejo me-

cessidade de modificar o juizo formado.
O comand.^te Rocha e Cunha, que era dado a estudos filosoficos, numa conversa comigo em um destes dias, dizia-me com ar de resignação:

— Isto ainda está, sr. major, no estado teologico...

E estava. Havia oficiais que se considaravam independentes; o que mais me deu na vista foi o capitão Romano Barnabé Ferreira que, ás claras, procedia como se não soubesse da minha presença; na ponte de S. João de Loure, quando lá fui no dia 26, estava o ten.^te aviador Luis Gonzaga com umas metralhadoras Lewis, quase só, sem saber a quem deveria obedecer...

Uma trapalhada que me fez ir a Aveiro (como disse no relatorio) pôr a limpo a minha situação. Eu não só não concordava com a barafunda, como tambem me passou pela cabeça que, se confiavam politicamente em mim, poderiam não confiar como comandante — dadas as minhas predilecções literarias que, para muita gente no exercito são (e creio que ainda o são) sinonimos de ignorancia.

O cor.el Peres ouviu-me atentamente e com amabilidade; concordou em alguns pontos mas comentou que a situação era de tal forma confusa e os reforços vinham tão heterogeneos e por conta-gotas que ele mesmo se via emaranhado na embrulhada. Sossegou-me, porem e informou-me de que, no dia seguinte iria dar á defesa uma organização regular.

Com efeito, em 25 á tarde, chegou, vindo de Lisboa, o ten.te-coronel José Mendes dos Reis que no dia seguinte assumiu o comando das forças em operações ao norte de Aveiro e definiu os sectôres defensivos.

Eu fiquei com o sector da esquerda, compreendido entre a esquerda da ponte do caminho de ferro em Cacia e a direita da ponte da estrada Cacia-Angeja. Tinha ás minhas ordens as duas companhias de Infantaria n.º 24 (que já la estavam desde a vespera), uma peça m/Krupp, de Artelharia 2, comandada pelo alferes Rocha e o grupo de civis a que acima me referi.

A companhia de Infant.ª 23 e as outras duas peças Krupp foram mandadas para o sector da direita com o centro no Eixo.

E eu fui para Cacia e escolhi casa no alto da povoação, á entrada, do lado direito, onde me recolhi depois de visitar as companhias e de ter conhecimento de que a Cavalaria adversa entrára em Angeja e de que uma companhia de Infantaria, vinda de Estarreja se dirigia para a mesma vila.

Estavamos, pois, e finalmente, frente a frente...

A companhia do Ten.te Soares ficou a guarnecer o sub-sector da ponte do Caminho de ferro; e a do cap.ão Zeferino Carrossa a da estrada Cacia-Angeja e ponte de madeira. Ambas mantinham patrulhas permanentes nas «testas-de-ponte» da margem direita do Vouga e a peça de Artelharia ficou num pinhal, a uns 100 m. da casa onde me fixei.

Pareceu-me assim que as coisas poderiam correr melhor, sem a embrulhada que até aí houvera — em que as vaidades de cada um e as impertinencias de outros se mantinham á vontade e poderiam, a continuar assim, a causar prejuizos.

E a verdade é que esta organização defensiva veiu a tempo. As forças monar-

quicas começávam a concentrar-se na margem direita do Varga e a festa, no meu sector, começou em 27 pela manhã.

Eu esperava o meu baptismo de fogo com curiosidade e, por vezes, com o Carlos Alpoim que vinha das trincheiras da Flandres expuz os problemas do medo e da coragem; para ele, esta campanha era autêntica capatela onde aliás se podia morrer, mas para mim era uma novidade e uma iniciação.

Ora na manhã de 27 chegou mais uma força composta de 27 marinheiros comandados por um sargento, da Capitania do Porto de Aveiro que o comand.te Rocha e Cunha ~~-~~ achou por bem empregar na campanha e o ten.te-coronel Mendes dos Reis no mandou apresentar como reforço. Dadas as ordens convenientes e regularizado o seu destino, eu, o Carlos Alpoim e o alferes Rocha preparámos-nos para a devida alimentação cuja necessid.e se impunha.

Daí a pouco, estávamos no [illegible] casa do Boleto, instalados tão bem quanto possível, a comer o almoço de campanha

quando sobre o telhado começaram a cair as balas de umas descargas sucessivas vindas da margem direita.

De começo, não compreendi o ruído seco que as balas de Infant.ª causavam nas telhas; o Alpoim, observando-me com curiosidade, disse-me simplesmente:

— Aqui as tem, meu Major! Os homens estão-nos a fustigar e à grande.

Nisto, ouviu-se um tiro de Artelharia e pouco depois outro; o segundo assobiou por cima de nós e perdeu-se no pinhal. O primeiro foi lançado para os lados da linha ferrea e perdeu-se em terreno arenoso.

Como disse, estávamos a comer e quiz mostrar serenidade que aliás não perdi; continuei a comer e fiz qualquer comentario revelador de indiferença. Os dois comensais, batidos nos bombardeamentos alemães, nada disseram; e eu aconselhei a ir terminar o almoço dentro da casa porque as balas levantavam algumas telhas e deitavam caliça sobre a comida.

E assim se fez. É possivel que me tivesse lembrado de Junot no cerco de Toulon... Não me recordo já, é claro, mas tu-

do é possivel neste mundo de inconcebi-
vel fantasia...

Fiz o meu papel bem feito. Mas hoje, passadas mais de quatro décadas posso confessar, com verdade, que a sensação rece bida, embora não fosse de mêdo (porque de facto não era) não foi, todavia, agradavel. Alem disso, na estrada para onde deitava a entrada do alpendre e que estava perfeitamente desenfiada do lado da ponte sobre o Vouga, sentia-se o silvo das balas que passavam baixo, algumas até batiam nas pedras do pavimento macadamizado.

Estavamos encurralados; a travessia da estrada era perigosa; de modo que saímos pelas traseiras da casa e fômos para o posto de observação da unica peça de Artelharia onde as côpas dos pinheiros acusávam o tiroteio com ramos partidos que constantemente caiam aos nossos pés.

E' claro que o Camossa, perante tal exuberancia de tiros, não ficou calado. Respondeu logo na mesma linguagem e, durante largo bocado, houve troca intensa de tiros sem, na verd., haver necessidade e até sem qualquer resultado a não ser o gasto inutil

de munições que poderiam ser precisas mais tarde.

No meio disto, os monárquicos tiveram, a certa altura, um arranque sem quê nem para quê. Uma força de Infantaria lançou-se em tropel pela ponte de madeira, como se não encontrasse qualquer obstáculo ou pensasse não encontrar. A companhia do Camossa, porém, respondeu logo quase à mão armada; e os homens tiveram que recuar parece que com baixas.

Bravata? Calculariam que, do lado de cá lhes abririam os braços? Não se percebeu a razão de tão tolo ataque assim a descoberto, ao longo duma ponte estreita.

Passados, para mim, os momentos de surpresa, comecei a querer compreender o que era o combate à distância; entre as forças que estavam em presença deveria haver um espaço de 600 a 800 metros e um rio com cheia bem alta, a transbordar com algum ímpeto para as insuas. E confesso que me adaptei com naturalidade.

Mas devo confessar, também, que não gostei. Os meus velhos princípios trazidos

da ultima década do seculo passado protestávam contra aquela brutalidade.

Para que andávamos ali a dar tiros que podiam matar (como matáram), a odiar os adversarios, a gastar munições que custáram m.to dinheiro que podia e devia ser melhor aplicado?

Estes pensamentos passavam-me pelo espirito enquanto me ia adaptando o melhor possivel ao desenrolar do drama; mas, como actor obrigado, lá ia fazendo o meu papel como podia.

Deu-se, nesta altura, um episodio curioso que já agora não deixo de contar.

Pouco depois dos dois tiros de Artelh.a dados pelas forças monarquicas, no começo do tiro-teio, um dos marinheiros da força recentem.te chegada, apareceu-nos a correr e a rir, contando que num atalho que havia perto por detraz dumas elevações de areia, os civis voluntarios iam a fugir e a deixar o armamento e equipamento pelo chão

Olhámos uns para os outros e o caso não nos surpreendeu. A arrogancia e basofia com que se apresentaram na Esgueira transformáram-se naquela fuga ao primeiro ti-

no tiro de peça. Pedi ao marinheiro que levasse uma nota ao Tenente Soares dando ordem p.ª ocupar logo o posto da ponte da linha férrea e para informar do que houve.

Realmente a granada caíra perto e os homens não estiveram com meias medidas, trataram de se pôr a salvo e de todo o pelotão apenas ficaram o comandante e tres individuos, na verdade resolutos, que acompanharam o destacamento até ao Porto e se comportaram bem.

E assim se passou o dia 27, com tiroteio só por tocados interrompido; o Zeferino Camossa um tanto ou quanto insofrido pedia-me, lá de baixo, que empregasse a peça de Artilharia que até aí não tinha empregado porque o comandante aconselhára não desmascarar a posição.

Contudo, a certa altura, como os monarquicos nos bombardeavam com insistencia, resolvi com o alferes Rocha mandar um ou dois tiros, mas de locais diferentes, como de quem responde: tambem cá temos disso!

Atrelaram-se as muares; deslocou-se a pobre peça para uns 200 m. a leste e largou-se uma granada para o chamado Su-

nal de Angeja que era a parte arborizada da estrada entre a ponte de madeira e aquela vila; depois, com a possivel velocidade, deslocou-se a peça para 200 m. a Oeste da sua posição e mandou-se outra granada e logo a seguir voltou-se á posição inicial para ser utilizada só em caso de urgencia.

O estratagema parece que deu resultado porque de lá a Artelharia calou-se e deixou-nos em paz. Por sinal, observámos que os calculos de tiro eram mal feitos; as granadas caiam tanto no rio como nos altos de Cacia, proximos do meu Posto de Comando, isto é, ou pontaria alta ou baixa.

Foi melhor assim, pois o numero de tiros lançados ainda foi grande, uns quarenta, se a conta foi bem feita.

Curioso, tambem, que o fogo de Infantaria, nutrido e quase constante, não nos fez estragos; parece que as pontarias eram altas e iam perder-se nos pinhais ao alto e a sul de Cacia. Ligeiros ferimentos, apenas, nos soldados mais expostos e um ferimento mais grave num braço do capitão Camossa. 22

Vim a saber depois que a esposa do major Antero Eduardo Taborda de Azevedo e Costa,

que comandava as forças em Angeja, estava, então, em Cacia, na casa de seus pais; o erro aparente das pontarias seria apenas cuidado em não visar o centro da povoação?

É muito possível.

E o dia caiu sem que se visse qualquer vantagem dum lado ou do outro; o Vouga levava cheia enorme; as insuas estavam cobertas e do lado esquerdo, a jusante das pontes, os esteiros deixavam navegar pequenos barcos se houvesse quem se atrevesse a isso e soubesse manejar rêmos e leme em tais aguas tumultuosas.

Em todo o caso encarreguei um tenente, Napoleão Soares, de exercer vigilancia p.ª esse lado — o que ele fez com inteligencia e o auxilio dos marinheiros, melhores conhecedores dessa área inundada.

Em 28, o dia passou-se quasi na mesma. O tiroteio começou ainda de noite, não sei para quê; visava especialmente o posto da ponte de madeira e a em estiva matutina prejudicou, até, a distribuição do café e aguardente que se estava dando aos soldados. A Artelharia tambem se fez ouvir e lembro-me de que, com o binoculo, se via bem

a bataria, a descoberto, no largo da feira de Arpeja, chapada sobranceira á vila; até a olho nú, apesar da neblina, via-se, por vêzes, o largar das granadas que eram um pouco mais certeiras do que na vespera.

O Carmossa, lá do posto, insistia em que a bataria de Arpeja estava tão a descoberto que era bem feito mandar-lhe, de cá, uns balazios que, com facilidade, lhe cairiam em cima; mas eu escudei-me com as ordens recebidas e no meu intimo não quiz ficar com o remorso de tão voluntariam.te ir causar, com certeza, a morte de umas praças e por ventura de oficiais.

Já bastava a morte do major Antero Eduardo Taborda já citado que nesse mesmo dia morreu em Arpeja dum tiro dos soldados do Carmossa, tiro que não levava intenção, é claro, mas que lhe esfacelou uma arterio femural e não houve meio de lhe estancar a hemorragia.

Lastimei-o. Noutros tempos tratávamos-nos de tu; mas depois, ele deixou de me falar por motivos de caracter particular e talvez justos (contra mim falo) que não vêem para aqui.

E depois... pensava que nós estávamos a bater estupidamente, que o Governo de Lisboa estava senhor da situação e mais dia menos dia, os homens do Paiva Conceiro teriam que dar por acabada a brincadeira em que se meteram.

Não mandei fazer fogo á peça que esteve todo o dia inativa, com o pessoal á volta e o gado ao pé, moendo as rações, indiferente ao que se passava e ás razões que o obrigavam ao desconforto do pinhal encharcado e frio. Quando visitava o posto e via as pobres muares cobertas com as mantas, de cabeça baixa, moendo e remoendo as rações (que, em boa verdade, nunca lhes faltaram) eu fazia considerações de varia ordem — que não eram (também em boa verdade...) de comandante belicoso.

Lastimava-as assim como aos soldados, mais ou menos encolhidos, com panos de tenda ás costas por causa da chuva impertinente, aquecendo as mãos em fogueiras m.to pequenas para não serem vistas mas, diga-se em seu abono, sem se queixarem e sempre com bom moral.

Para se não cair na monotonia, o tenente Soares que era rapaz activo e emprehendedor, encarregou o seu alferes Vitorino Pereira Tavares de ir, com uma patrulha, pela linha ferrea, ao escurecer, com a missão de colher informações. Resolutamente, o alferes conseguiu ir até á povoação de Canelas e colheu bastantes informações que imediatamente transmiti ao comando.

O dia 29 apareceu, do mesmo modo, chuvoso e desagradavel; na vespera, á noite, fui chamado ao logar da Azurva, proximo do Eixo, onde o comand.^te^ Mendes dos Reis estabelecera o seu Quartel; expôz-me a necessidade de fazer a travessia do rio, em frente da vila de Angeja, para apoiar o avanço que o sub-sector da direita, transposta a ponte de Loure, iria fazer contra aquela povoação; e, para reforço, que mandaria mais duas companhias de Infant.^a^, uma do regimento de Infantaria n.º 2 outra do regimento n.º 5.

Eu objectei logo que a ponte de madeira, em Cacia, estava cortada e que a cheia do rio Vouga ia tão impetuosa que uma travessia em barcos não me parecia exequivel; no entretanto (acrescentei) iria estudar o assunto com

muito boa vontade e ouvir os meus capitães.

Voltando a Bacia, reuni os comandantes das companhias e mais os dois capitães q. estavam com o Carrossa: o Sena Lopes e o Rodrigues Leite. Não me lembro já onde foi a reunião; recordo-me de que foi numa casa de Bacia, provavelm.te a do meu aquartelamento, quase ás escuras, á luz duma simples vela de estearina.

Expuz-lhes o caso e mostrei a dificuldade senão a impossibilid.e da travessia. O Carrossa, desembaraçado e bravo como era, dizia-me:

— Se V. mandar... a travessia faz-se.

— Como?... preguntava eu.

A ponte de madeira estava cortada e não tinhamos elementos p.a o concerto; a travessia em barcos entendia eu que era loucura, era o sacrificio de dezenas de homens que morreriam afogados naquele forte caudal do Vauga. Quer uma quer outra emprêsa, durante o dia, teriam consequencias más; de noite, se a da ponte podesse ter um começo de exito, a da travessia do rio em barcos dava desastre completo.

Fiz-lhes ver que estas minhas objecções não me diziam respeito — pois eu só

iria p.ª a margem direita depois de eles lá estarem seguros; mas tinha que falar assim por imposição de consciencia tanto mais q. considerando o aspecto tactico, não via necessid.ᵉ de tal bravata.

E na verd.ᵉ não passava de bravata e de alguma incompreensão o plano feito pelo comand.ᵗᵉ Mendes dos Reis.

Falei assim tambem por imposição dos principios de ordem moral e estou convencido de que os capitães q. me ouviram atentamente se teriam admirado de tal especie de linguagem a que não estavam habituados.

Em conclusão: dissolvi o reduzido conselho e esperei o dia para mandar dizer ao Mendes dos Reis as razões que me levaram a discutir a ordem.

De facto, este caso é um dos que, na minha vida, ficou a marcar como decisão de comandante com responsabilidades. Sempre entendi que ordens deste genero não se dão e, a darem-se, não se devem cumprir por simples e impensado espirito de obediencia.

Nessa altura da vida ainda não conhecia as prelecções de Socrates acerca das obri

gações dos chefes; mas, no intimo, não podia concordar com a facilidade ou ligeireza com que se mandavam homens para a morte sem que fosse necessario tal sacrificio. Bravata, como disse.

Ao amanhecer desse dia 29 sentia-me excitado. Não dormira ao pensar no que poderia acontecer quando eu mandasse dizer ao Mendes dos Reis que não poderia realizar a travessia. Ainda mt.º cêdo chegou um tenente miliciano de Engenh.ª de nome Gaioso com uma bripada de pontoneiros improvisados (que não passavam de soldados do regimento de Cavalaria nº 8) para o concerto da ponte.

Depois de prepararem o material e notando que, do lado de lá, não faziam fogo, o tenente Gaioso entrou na ponte com os seus homens para o trabalho; e, não sei como, de varias partes surgiram muitos individuos civis, alguns até de Aveiro, naturalmente com curiosid.e de ver o que se iria passar.

Decorridos uns 10 minutos, uma granada rebentou perto do agrupam.to dos pontoneiros e civis, seguida de fusilaria; os civis, é claro, debandaram e o oficial de En-

genharia teve de retirar e, com admiração de todos, sem baixas.

Pensai, então, que se o avanço do sub-sector da direita tivesse algum exito (e havia essa impressão pelo intenso tiroteio que se ouvia bem) as tropas monarquicas em frente largariam as posições para não serem cortadas na retirada; e eu então tentaria, pela ponte do cam.º de ferro, uma travessia. A Artelharia adversa, porem, continuava a troar e até ia apanhando uma maquina que se aproximou da ponte com pessoal proprio que ia tentar reparar o desvio de um tramo praticado anteriormente p.ª evitar qualquer surpreza.

O Mendes dos Reis, em duas ou tres notas, dizia-me de lá da direita: « veja se consegue passar a ponte!... » Mas a verdade é que eu mantive-me na mesma espectativa, sem querer sacrificar vidas.

Não sei se fiz bem. E' possivel que o procedimento não fosse considerado, militarmente, ou em absoluto, digno de louvôr; mas foi consoante a minha mentalidade e a minha consciencia. Joguei tálvez o meu futuro, mas isso era-me indi-

ferente. Os meus capitães e subalternos julgar-me-iam, com certeza, frouxo no comando; mas era-me tambem indiferente esse julgamento.

No entretanto, para que se não dissesse que estavamos inativos, fizeram-se dois reconhecimentos.

Um, comandado pelo alferes Cosme de Lemos, da companhia do tenente Soares, levava soldados da região e a força de marinheiros; passaram todos a ponte do caminho de ferro a chegou ás proximidades de Angeja; o outro, da comp.ª do Camossa, comandado por um 2.º sargento Silva, conseguiu atravessar a leripado pela ponte de madeira e sem ser visto do lado de lá, num barco dirigido por soldados habituados ao rio e chegou tambem prox.º daquela vila. Ambos, quase simultaneamente surpreenderam as força contrarias (reconhecidas como do regimento de Inf.ª n.º 18) as quais, de momento, se consideráram envolvidas e no rapido e pequeno recuo que fizeram deram tempo á retirada, a salvo, das patrulhas.

E assim se passou o dia 29, sempre debaixo de chuva e humidade intensa. De vez em quando, nuvens baixas cobriam de tal

0-4

forma o ambiente que quase se não via a mais de 300 m. Sobre o entardecer, o Mendes dos Reis que não tinha conseguido progredir na sua direita, ordenou-me que lhe mandasse as duas companhias de reforço e me apresentasse em Louré com uma das minhas companhias.

Chamei o Soares e deixei o Zeferino Camossa com a peça de Artelh.ª a guarnecer todo o sub-sector — que ficou, aliás muito bem entregue. Jantei pacatam.te e com o ajudante Carlos Alpoim fui, pelas 10 h. da noite, apresentar-me em Louré ao Mendes dos Reis q. ali estabelecera o seu Q.tel general.

Larguei, pois, de vêz, Cacía e a defesa das suas pontes — defesa em que a fantasia de certo jornalista me deu as honras de herói. Parece impossivel mas foi assim mesmo.

Eu lhes conto para que se veja como a Historia muitas vezes se escreve.

O jornal de Lisboa A Manhã. Diario Republicano, no seu n.º 678 (ano II) de 13 de Fevereiro, publicava na sua primeira pagina e na secção A Actualidade uma gravura que reproduz a entrada da ponte de madeira, do lado de Cacía, em que se vê o casinhoto

á esquerda que servia de abrigo ao posto e ficou bastante danificado com o tiroteio e o bombardeamento.

Por baixo da gravura, depois de explicar que se tratava da ponte sobre o Vouga, acrescenta: « Teatro de luta renhida nos dias 27
"e 28 de Janeiro ultimo, foi valentemente
"defendida pelos civis armados e pelas forças
"do 24 e outros regimentos sob o comando
"do major Belisario Pimenta e capitães
"Carnossa e Leite. Apesar do intenso bom-
"bardeio da artelharia rebelde e de fusilaria
"[...] os monarquicos nunca conseguiram
"etc. etc. » (1)

Esta notícia serviu depois para outras em varios jornais; e meu Tio Rafael Pimenta então director dos serviços artisticos do jornal *O Seculo* fez publicar na *Ilustração Portuguesa*, edição semanal deste diario de Lisboa (II serie, nº 681, de 10 de Março), o meu retrato com a seguinte prosa: « O major B.P. co-
"mandante dos civis armados e das forças que
"defenderam valentemente a ponte de Angeja
"sobre o Vouga e das primeiras forças mili-

---

(1) O recorte ficou colado na pasta respectiva

"tares fiéis que entraram no Porto após a res-
"tauração da República.

E ainda o velho amigo da Lousã, o Júlio Ribeiro dos Santos deu uma notícia no seu Comercio da Louzã (nº 321 de 12 de Março) em que mais ou menos copia a do jornal A Manhã e, por sua conta, me alcunha de «heroico militar» e me pede que transmita aos «valentes rapazes» que comandei, um «comovido abraço.»

E aqui está como se deixou para a História um testemunho falso. Os civis armados foi o que se viu: aos primeiros tiros deram ás de Vila Diogo e na defesa da ponte eu não tive qualquer intervenção; se ela se fez como se fez, deve-se, com inteira justiça, ao capitão Zeferino Camossa e aos seus oficiais e soldados.

Ao ler a notícia no diario A Manhã eu senti uma desagradavel impressão, pois ser comandante de «civis armados» me pareceu algum tanto deprimente e, de mais a mais, de civis que fugiram aos primeiros sibilos das balas.

Pensei em rectificar a notícia; mas os oficiais com quem falei a esse respeito tiráram

me a ideia da cabeça: iria dar mais relevo ao caso se é que o jornal aceitasse, contra o costume, o pedido de rectificação. Deixei, pois, correr e esperar que o episódio ficasse esquecido.

Com franqueza: comandante de civis armados... senti-me diminuído. Apesar da minha acção ser quase nula em toda aquela barafunda, sempre me julguei com outra categoria como comandante de tropas organizadas. Enfim, adeante.

Quero confiadamente crer que a Historia não ligará importancia á ponte de Arpeja...

Numa carta que escrevi a meu cunhado Costa Ferreira, pouco depois, referia-me a isso. Ao dizer que andava contrariado com toda aquela trapalhada bélica, comentava:

« Para cumulo, até o meu retrato saíu na Ilustração, naturalmente obra do Tio Rafael e do nosso amigo Campos (1); mas logo com a infelicid.e de me darem como comandante de civis armados que foi coisa que só vi antes do rebentamento da primeira granada... etc.

---

(1) Augusto da Silva Campos, professor da Casa Pia de Lx.a e velho amigo da familia.

sim se faz a História — e assim passarei como heroico defensor da ponte de Angeja de braço dado, pelos tempos adeante, com o Conde de Santa Maria que também defendeu uma ponte, a de St.ª Maria de Almoster! Coisas interessantes de que só me quereria recordar como coisas passadas há muito, coisas longinquas e quase esvaídas na memoria. — No entretanto, a mim, historiador... policiano, isto me põe de sobreaviso contra outros herois que possa encontrar nas minhas escavações. Não há nada como ter passado por elas...»(1)

Lisboa
25 de Novembro
a 7 de Dezembro
de 1962.

---

(1) Carta de 12 de março, escrita já no Porto, durante a ocupação.

II

« nam aguardo nem espero
ver por ysso mais louuadas
minhas obras. »

Resende: *Cancioneiro Geral*, v.-I, pag. 214 (Fls. XXIX do Ms.)

« Mais que sert de conter aux autres
ce qui n'a de sens q. pour soi! ... »

Romain Rolland: *Jean Christophe*: *Les Amies*, pag. 131.

Cerca das 10 h. e meia entrei no parque no prédio onde se instalára o reduzido Quartel Genl. do Mandos dos Reis.

Á entrada tive a impressão estranha de cenário romanesco; no rez-do-chão, soldados (creio que seriam ordenanças) dormiam, ao acaso, no sobrado; no 1.º andar, entrei em uma saleta em que havia uma mesa que tomava grande espaço, debaixo da qual dormiam, a sôno solto, oficiais; outros, senta-

dos, fumávam e enchiam a casa de fumo; no ambiente havia cheiro desagradavel de varias origens.

O comandante estava num quarto que deitava para a saleta e fui encontra-lo reclinado numa cama de ferro, fardado correctamente, barbeado, penteado, como se tivesse saído em dia normal dos seus aposentos particulares. Numa mêsa de cabeceira banal estava um castiçal com vela de estearina á luz da qual ele lia uns papeis e uma carta topografica.

Nunca me esqueci de certa admiração que me provocou a serenidade e o cuidado na indumentaria do Mendes dos Reis. Quero crer que assim devem ser os chefes.

Lá fóra sentia-se cair a chuva com barulho e o vento assobiava á solta. Temporal desfeito. Era este o cenário de que me recordo muito bem e que daria para quadro descritivo curioso feito por pêna observadora, adestrada e irónica.

Ambiente de guerra, é certo, mas impressionou-me o fraco moral dos oficiais q. lá encontrei, na maior parte para mim desconhecidos e possivelmente sem sentirem intimam.te as razões que ali os levaram.

O Mendes dos Reis não. Aprumado, com placidez e ar de segurança, recebeu-me afavelmente, concordou com o meu procedimento no caso da travessia do rio e expôz-me a situação que era desagradavel. Não se conseguira fazer recuar os homens da Monarquia e o tempo estava a prejudicar as operações; á direita, manobrava já uma forte coluna creio que comandada pelo cor.el Hermenegildo dos Santos Pestana, libertado da prisão; e na rectaguarda, havia já um comando organizado que dirigia estas forças do Vouga e as outras que andavam pela Beira Alta.

No nosso caso particular, disse-me ele que era necessario que na madrugada do dia seguinte eu fizesse aparecer a Leste da aldeia de Grossos, na estrada Loure-Albergaria, duas companhias de Infant.a para atacar de flanco a vila de Angeja ao mesmo tempo q. as forças á nossa esquerda deveriam executar ataque de frente.

Essas duas companhias eram: uma do regimento de Inf.a n.º 5 e outra mixta dos regimentos de Infantaria n.os 28 e 35, comandadas pelo capitão Romano Barnabé Ferreira tambem solto da Penitenciaria uns dias antes.

Ora este ataque do dia 30 de Janeiro ficou bastante confuso e merecia comentarios azêdos. Vou, porem, transcrever do relatorio que apresentei depois uns periodos para me não estar a repetir:

«Entre essas instruções disse-me V. que me não preocupasse com as ligações com as forças da esquerda porque o comandante delas as faria comigo e que tratasse eu de me ligar com a coluna ou destacamento da direita (Albergaria).

«Este dia 30 de Janeiro começou, porem, mal; a noite fôra de terrivel invernia e a manhã apareceu tempestuosa — razões talvez q. originaram o facto de as companhias só formarem para seguir ao seu destino já muito dia claro o que contrariou um pouco as ordens recebidas e o que levou, de certo, V. a dizer-me na sua nota nº. 35 (que eu recebi ás 11 h. e 15 m.) que sabia que o ataque não fôra ainda iniciado contra toda a previsão.

« De facto, V. tinha razão.

«As companhias formaram muito tarde; quando chegámos ao cruzamento de estradas ao Norte de Laune, como eu não tinha carta nenhu-

na (porque me não deram nem eu tive possibilidade de a arranjar) entendi que não devia mandar avançar ao ataque as duas companhias sem prévio reconhecimento. Esse reconhecimento foi feito pelo capitão Romano Barnabé Ferreira que comandava as duas companhias referidas; e pareceu-me ainda de boa regra e, quanto mais não fosse, de simples prudencia, o esperar o regresso do capitão Ferreira para iniciar, a valer, o ataque indicado na vespera.

« Entretanto, V. de novo insistia pelo ataque que afinal se realisou e com exito logo que recolheu o reconhecimento. O capitão Ferreira dirigiu competentemente a marcha e só terei que reparar em que, tendo-lhe dado quatro ordenanças de Cavalaria para ligar comigo, as ligações não se fizeram com a regularidade que seria para desejar, dando como resultado o eu não comunicar facilmente com ele quando necessitava.

« De resto, o ataque fazia-se com facil exito, mantendo o inimigo em espectativa de envolvimento pelo seu flanco esquerdo e q. levado mais adeante, teria talvez nesse dia produzido a retirada dele para alem de Mupeja.

« Não quero aqui entrar em considerações de caracter profissional porque me não sinto p.ª isso com competencia; no entretanto devo dizer, para minha defesa, e das forças que nesse dia tive a honra de comandar, que a comunicação que V. me fez de que devia retirar porque as tropas estavam desorganizadas, não foi devida a mim nem ás forças do meu comando que estiveram sempre bem comandadas e disciplinadas, merecendo até referencia a força do regimento de Infantaria n.º 5, do capitão Azinhais pela decisão e disciplina que nesse dia (como aliás nos outros) mostrou; devo dizer mais que o suposto ataque da Cavalaria inimiga pelo nosso flanco direito (que V. me comunicou na sua nota n.º 44) não foi conhecido por informação minha pois que as patrulhas que eu enviava não acusáram a proximidade do inimigo e, quando em virtude dessa nota mandei fazer um reconhecimento, vim a saber que a Cavalaria que andava na nossa direita era da coluna de Albergaria e, por consequencia, das tropas republicanas; devo dizer ainda e unicamente para minha defesa, que me admirou muito uma comunicação para V. do sr. comandante das

tropas da esquerda em que insiste num ataque realizado pelo inimigo sobre o nosso flanco direito e em que diz que não tem tido notícias minhas, que se arriscava a ser cortado, por esse facto, na sua retirada.

« Entendo dever chamar para este ponto, unicamente para minha defesa, o atencioso critério de V.

« O sr. major comand.te das forças da esquerda[1] fala na retirada como uma coisa que vai, sem dúvida, realizar e dá a impressão de que ela se faria porque não teve notícias minhas — quando foi certo que V. na véspera determinou que as ligações partissem da esquerda para a direita e que eu me preocupasse só com as ligações com a coluna do sr. tenente-cor.el Godinho, ordens que eu cumpri conforme podia e sabia, devendo ainda acrescentar que o flanco esquerdo das minhas forças estava quase apoiado no flanco direito das companhias da esquerda, se me não engano até na comp.a do regimento de Inf.a n.o 23; além disso, mais ou menos nessa altura, o sr. capitão Romano Barnabé Ferreira pronunciava um ataque sobre o

[1] Era José Virgolino ~~Faia~~ Quaresma.

flanco esquerdo dos rebeldes, ataque que foi reconhecido e apreciado das posições ocupadas pelas tropas do capitão Sousa Gonzaga, enquanto o tiro de Artilharia, apesar do nevoeiro e da chuva, dificultarem a pontaria, causava certo mal estar ao inimigo.

«As condições de luta pareciam-nos, pois, favoraveis, quando recebi a nota de V.. mandando retirar porque as tropas estavam desorganizadas.

«As informações que levaram V.. a esta resolução, não foram, por consequencia, dadas por mim.»

É claro que, no relatorio, quem souber ler nas entrelinhas, notará que não disse tudo quanto quereria dizer.

E de facto não disse.

Não quiz ferir ninguem directamente. Solicitei, em devido tempo, uma carta topografica da região; nunca a recebi e toda a gente comprehende como me poderia orientar em terrenos desconhecidos e com tempo de nebolina densa a chuva que tiravam todo e qualquer ponto de referencia. Valeram-me os oficiais da companhia do ten.te Soares que conhe

ciam bem a região e se informavam cons-
cienciosamente.

Depois, o capitão Romano B. Ferreira re-
cem-chegado da prisão manteve-se sempre
~~como~~ sem reconhecer o meu comando embo-
ra me tratasse com as devidas deferencias; foi
para o reconhecimento e nunca mais deu si-
nal de si — o que impediu, muito natural-
mente, o desenvolvimento do ataque. Via-se
bem que este capitão queria ficar com as hon-
ras do exito com o que eu aliás me não im-
portava se não fosse a deslealdade e até a pos-
sibilid.e de comprometer o plano.

O facto de ser um dos chefes da revolta de
12 de Outubro e ter, desde então, estado preso,
deu-lhe fóros de superioridade e julgou-se
com direitos de saltar por cima das conve-
niencias.

Pequenas inferioridades humanas.

Um major comand.te das forças da esquer-
da a que me refiro no relatorio era o José
Virgolino Feio Quaresma, creatura dubia que
apareceu na baralha com o Mendes dos Reis
e se quiz impôr como competente e impor-
tante. Veiu a ter mau fim a sua vida mili-
tar, embrulhado em casos pouco limpos.

Durante horas seguidas estive com a companhia do ten.te Soares, como reserva, em um ponto da estrada em que esta, numa curva, passava em trincheira e, por consequencia, ao abrigo da fusilaria que se sentia bem na côma dos pinheiros altos que cobriam o terreno. Dai dali as poucas ordens que poderia dar, menos ao capitão Barnabé Ferreira que, como disse, quiz sempre proceder como independente.

A uns 50 m. tinha, ás minhas ordens uma secção de Artelharia com dois oficiais novos, não me lembro se milicianos, vindos do Corpo Expedicion.º á França e que levávam tudo a brincar.

Posso aqui contar um episódio que me fez impressão e [redacted] beliscou os meus sentimentos humanitarios.

De uma das vêzes em que subi á posição onde estavam as peças, o nevoeiro abriu um bocado e deixou ver um pouco os esteiros do Vouga em grande parte inundados; e em certo ponto via-se um casarão que me pareceu grande adega ou grande celeiro. Com os binoculos, quer eu quer os rapazes víamos á volta soldados que pareciam da Guarda Re-

publicana, nesses momentos da Guarda Real do Porto.

Um dos rapazes disse logo que havia ali tropa recolhida e que, se eu désse licença, mandava-se para lá um balazio. Eu disse que não, que aqueles homens não estavam a combater e que não me parecia m.^to^ das regras ir destruir um edificio onde se abrigava, quem sabe por qual motivo, gente que poderia ser inofensiva.

Os rapazes riram-se e disseram-se qualquer coisa amavel e ficaram-se, naturalmente, a chamar-me parvo...

Passado pouco tempo recebi ordem para visar com a Artelharia uma concentração de tropas em tal e tal ponto; fui ter com os rapazes artelheiros e pela carta deles localisámos a concentração no tal local dos esteiros; mas nesse momento o nevoeiro era tão denso que os tiros seriam perdidos pela dificuldade dos calculos.

As nuvens, porem, daí a pouco abriram-se; os rapazes fizeram logo as pontarias para tiro directo. E ainda adverti:

— Façam pontaria alta...

Qual!... Os rapazes, com a mentalidade

0-5

creada nas trincheiras da Flandres, não estiveram com meias medidas. Com o meu binoculo assestado, vi a primeira granada rebentar um pouco acima do telhado do casarão e a segunda cair mesmo sobre as telhas e espatifar tudo. Assisti, confrangido, ao dispersar duma chusma de homens que, como em formigueiro pisado, saiam do edificio e fugiam em todas as direcções, á procura de abrigo nos pinhais proximos.

Os rapazes fizeram certa algazarra:

— Então, meu major! Era ou não era concentração?

Não ha duvida que era concentração; mas seria necessario e util desmantela-la com perigo de muitas mortes? Bem sei que estávamos em guerra, como outra qualquer; guerra civil, é certo, mas era guerra; todavia eu não compreendia aquela satisfação dos rapázes ao verem a fuga desordenada dos homens, alguns possivelmente feridos, quem sabe se deixando mortos lá dentro.

Mas adeante.

A meio da tarde apareceu o Mendes dos Reis, sempre aprumado, com toda a pacatez e delicadeza. Expuz-lhe a situação que ele ou-

vir sem comentários; convidou-me a acompanhá-lo à lomba do terreno que nos encobria e de onde se poderia ver qualquer coisa se o nevoeiro e chuva deixassem. Subimos, conversando, vagarosamente; lembro-me bem de que nos caíam em cima grande quantidade de bocados de rama dos pinheiros que as balas de Infantaria, sempre assobiando, faziam quebrar. Já me tinha habituado, não fiz caso; mas mesmo que o fizesse teria de fingir que não dava por tal. O comandante conversava como se nada fosse.

Na lomba, por alguns rasgões que as nuvens de vez em quando abriam, viam-se em baixo os esteiros alagados; e para a nossa direita as terras onduladas cobertas de pinheirais; o som do tiroteio indicava que para o Norte havia luta — mas não sabíamos localizá-la.

Quando eu disse que o Romano Barnabé Ferreira não dera notícias e que só tinha informações da coluna da direita, dos lados de Albergaria, o Mendes dos Reis pareceu-me contrariado mas manteve-se sempre com a mesma linha reservada e correcta.

Quando, sobre a tarde, recebi ordem para retirar, fiquei surpreendido especialmente

por a ordem dizer que as tropas estavam desmoralizadas... Com os oficiais da companhia do Ten.te Soares comentou-se a resolução.

Desorganizadas?... Quem as desorganizou? Passado tempo, ao lembrar-me do episodio, quiz-me parecer que varios factores causáram aquele desfecho: o tempo encoberto que não deixava ver alem de 200 m.; a possivel má orientação dada, de começo, ao ataque; a falta de coordenação entre as fracções que o realizaram e, com certeza, a tal tendencia de certos oficiais que se julgávam capazes de por si só resolverem os problemas e puzeram de lado as normas essenciais de ligações e informação.

Não quero, agora, depois de velho, estar a fazer acusações; mas estou convencido de que os sucessos não andáram longe dêsto.

Não havia, pois, ali, nada que fazer; ordenei a reunião da companhia; nomeei o alferes Cosme de Lemos para comandar um simulacro de guarda da rectaguarda, missão de que ele não gostou; e metemos á estrada para Loure, com a secção de Artelharia atraz de nós. E como nunca recebi carro de munições, o comando mandou-me uma viatura

civil que se chamava flagueta, puxada por dois cavalos no genero dos de Tolentino; desde bacia andava atraz de nós com os cunhetes de munições; e quando começámos a marcha para Loure eu, que desde a madrugada não me sentára e quase não comera alem duma lata de atum com um bocado de pão, tive a fraqueza, ao fim de 1 Kilom.º, de entrar na carripana.

Depois arrependi-me; deveria seguir a pé com a companhia do Soares, um pouco por brio, um pouco para exemplo. Mas eu estava extenuado como aliás todos os outros e, no momento, cedi ao cançasso.

Enfim, passámos a povoação de Loure e, depois de Alguerubim, atravessámos a ponte chamada da Plata e subimos para a povoação do Eirol onde uma secção de quarteis me tinha reservado boleto em casa de um proprietario que, no dia seguinte, reconheci como antigo condiscipulo do Liceu, vinte e tantos anos antes.

Cem baixo, na ponte da Plata, a força de marinheiros e uma outra de Infant.ª que me não lembro a que unidade pertencia, ficáram a guardar as estradas. O meu amavel hospedeiro ofereceu-me um excelente jantar de can

ja de galinha com está tostada bem á portuguesa; depois de ir ver como as tropas estavam alojadas e de conversar um pouco, deitei-me entre lençois finos duma cama autêntica, coisa que não sabia o que era desde que saí de Aveiro para Cacia. Dormi profundamente e no dia seguinte, de manhã, quando o meu condiscipulo do Liceu me servia, com carinho, uma boa dejejúa, vieram entregar-me uma ordem para seguir logo para Angêja de onde os adversarios, na tarde da vespera, retiráram apressadamente « á simples "aproximação da Cavalaria do Destacamento "da direita!»[1]

Fiquei surpreso assim como os oficiais q. estavam na povoação do Eirol á espera de ordens. Como se dera essa reviravolta? Para que serviu todo aquele aparato da vespera, com todos os episodios irregulares a que me referi atraz?

Não sei, nem vale a pena esmiuçar aqui o caso que talvez tenha uma parcela de cómico; é possivel que escoldrinhando os relatorios que devem existir no Arquivo Histórico

---

[1] Frase do meu relatorio.

Militar se vislumbre alguma razão que es clareça o episódio.

Mas eu já não estou para os escoldrinhar.

E' claro que mandei reunir todas as fracções que estavam na aldeia pitoresca do Eirol e largámos para Angeja.

O Mendes dos Reis, nesse dia, deu-me conhecimento da nova organização do Destacamento que ficou sendo conhecido pelo Destacamento de Aveiro. Eu fiquei a comandar as mesmas compª de Infantaria nº. 24 (a do tenente Soares e a do capitão Zeferino Camossa) e a de Infantaria 23 do ten.te José Augusto da Cruz que andava por outras mãos e voltou ao meu comando.

E estas companhias ficaram constituindo o 2º Batalhão do Destacamento nº. 2 da 5ª Divisão em Operações

Em 4 de Fevereiro vieram mais umas dezenas de homens do regimento de Infantaria nº. 24 que andavam, não sei por onde, com o meu condiscípulo Aurelio de Azevedo Cruz; a quatro dias depois apresentou-se me uma companhia do regim.to de Infantaria nº. 7 (Leiria) com 150 homens comandados

pelo capitão José Salvação Barreto, com dois subalternos — um dos quais era o alferes Rodrigues Mendes que, depois de 28 de Maio de 1926 foi homem para varios serviços como o de Governadôr Civil do Faial, de Leiria e doutro distrito que me não ocorre e não sei que outras situações boas.

E assim andou o batalhão até ao final das operações e do tempo de guarnição no Porto.

Ora chegados a Angéja, na tarde de 31 de Janeiro, alojadas as companhias e fixado na casa onde me aboletaram para dormida, apenas; depois duma vista de olhos á velha vila pitoresca, com aspecto de terra boa, com belos predios e estabelecim.tos de certa importancia; recebi ordem para no dia seguinte ocupar os Postos-avançados na linha Fermelã-Soleireira, em frente da bem acentuada linha de alturas do Salreu já sobranceira a Estarreja.

A esquerda da minha linha de postos mergulhava nos esteiros, então cheios de agua que as enchentes continuas mantinham alta; a direita perdia-se pela lomba fóra, arborizada, que vagamente ia ligar á esquerda do Destacamento n.º 1, vulgarm.te chamado de Alber-

garia, comandado pelo meu antigo coronel Hermenegildo dos Santos Pestana.

Para lá fui na manhã de 1 de Fevereiro e fiquei alojado numa casa, quase na esquerda, próxima á estrada para Estarreja. Fui render o batalhão nº 3 do Destacamento, comandado pelo capitão Jaime Baptista — desembaraçado oficial com quem mantive as melhores relações pessoais.

Durante nove dias se andou neste serviço em frente de Salreu onde os monarquicos tinham apenas vigilancia.

Naquela primeira noite de 1/2 de Fevereiro, desencadeou-se um furioso temporal que as sentinelas dos postos tiveram que suportar. Lembro-me do estado em que me apareceu o comand.te duma força de Cavalaria que era mandada sempre á tarde para reforçar a vigilancia — e se a memoria me não falha era nessa noite o alferes Eduardo Mimoso Serra, rapaz resoluto, que se apresentou a escorrer agua que molhou o sobrado, mas de cara alegre como se nada fosse.

Na segunda vêz que estive nos Postos, novo temporal caiu com chuva torrencial e se me não engano foi nessa tarde que se me

apresentar um alferes de Cavalaria, da patrulha, com ares distinto, simpatico, que me disse, ao cumprimentar-me, chamar-se F... Maria do Carmo Noronha. (Não me recordo já do nome de baptismo).

Olhei para ele e vi-lhe semelhanças com o meu condiscipulo do curso de Cavalaria da Escola do Exercito, Nuno Maria do Carmo Noronha. Perguntei se era parente e perante a resposta afirmativa, disse-lhe pacatamente sem querer dar a impressão de suspeita:

— Então o meu alferes é sobrinho, por afinid.e, do capitão Paiva Conceiro que nos está a incomodar ali em frente...

O rapaz sorriu-se e com toda a delicadeza respondeu:

— Sou realmente sobrinho do Tio Paiva Conceiro... Mas fique V... descançado que não sou seu correlegionario. Estou aqui porque consegui fugir da cadeia no Porto onde ele me mandou prender, logo de começo, por lhe ser muito suspeito.

Contou-me então a sua odisseia para poder chegar aos nossos postos e fazer-se acreditar como leal ao regime. Gostei do rapaz com quem conversei largamente e que con

c

videi para jantar, tanto mais que nesse dia tinha excelentes enguias de caldeirada que me oferecera o alferes Napoleão Soares, de Infantaria 24, natural da região e que me pedia que o deixasse ficar no posto da extrema-esquerda, junto dos esteiros, onde se entretinha a pescar enguias e a cosinha-las divinamente.

Nunca mais voltei a ver o alferes Noronha, nem a saber dele.

Foi por esta altura da m.ª permanencia em Angeja que se deu um episodio de que já não saberei reproduzir pormenores de verdade; não tomei então notas e só posso contar, e com as devidas cautelas, o que a memoria me diz. Contudo, por uns documentos que o Cor.el Salvador Pinto da França me deu, relativos a este periodo, posso dizer que o episodio se deu em 8 de Fevereiro, estava eu com o meu batalhão em reserva de postos-avançados e passeava pacatamente pela vila.

Surgiu um automovel aberto (num dos largos) em que vinham oficiais dos quais me lembro Viriato Sertorio dos Santos Lobo, talvez capitão de Caval.ª com o curso do Estado Maior, o capitão Romano Barnabé Ferreira já aqui falado, o tenente ou capitão Aleide de

Oliveira, dos Serviços da Adm.ção Militar e se a memoria me não falha, mais um dois de que perdi os nomes ou que eram desconhecidos.

Ao verem-me, mandáram parar o carro e disseram-me, com certa exaltação (em especial o Viriato Sartorio) que iam a Aveiro junto do coronel Peres, protestar contra o facto de o Gen.al Tamagnini de Abreu ter assumido o comando das tropas que combatiam os monarquicos e afiançar que haveria movimento subversivo nos Destacamentos se aquele general não desistisse do cargo e o não entregasse ao Cor.el Peres. Ao mesmo tempo convidáram-me a aderir ao protesto com o meu Batalhão.

Fiquei a olhar para eles... Era num momento destes que se ia fazer um "pronunciamento"? Na presença dos adversarios? O general não lhes merecia confiança? Falei-lhes com calma, principalmente dirigindo-me ao Viriato Lobo que era creatura violenta; e disse-lhes que não, que os não apoiáva nem os apoiaria.

Encolheram os ombros e seguiram para Aveiro. E eu pensei um bocado no que podia fazer, passeando no largo da vila, de

um lado para o outro, e bastante preocupado. Por fim, resolvi ir ao comando e perguntei ao Mendes dos Reis, com ar despreocupado, se ele sabia de más vontades contra o general Tamagnini pois me constou, por zuns-zuns que as havia entre muitos oficiais dos destacam.tos da zona marítima.

Pareceu-me que o Mendes dos Reis ficou preocupado e esteve, durante um bocado, a pensar. Ao fim dums minutos resolveu entregar-me o comando do sector e ir a Aveiro saber o que havia. Perguntou-me se eu sabia quem eram os protestantes; disse-lhe que não, que o que sabia vinha de zuns-zuns impessoais.

Saiu precipitadamente, meteu-se no automovel e seguiu. Eu fiquei no belo palacete onde o comando se instalára; sentei-me em comoda poltrona e fiquei-me a ler a Capital Federal de Coelho Netto que comprára em Aveiro e me acompanhava para as horas vagas ou, como esta, de espéra.

Duas horas depois apareceu o Tenente-coronel Mendes dos Reis, com ar satisfeito e me largou, logo de entrada, ao despir o capote, a grande novidade:

— O Tamagnini pediu a demissão de comandante, logo de manhã e o Peres é quem nos comanda. Realmente houve qualquer coisa que se abafou com a demissão. Foi melhor assim...

Agradeceu-me a minha intenção e garantiu-me que o meu aviso, embora vago, era importante. Há muita gente irrequieta que não atendia ao melindre da situação e parecia ter gosto em a agravar só por satisfazer as suas más vontades ou até ódios pessoais. E assim acabou a conversa.

Nunca cheguei a saber os meandros da tramoia e já agora, naturalmente, não os saberei. Contudo, pelo que atraz deixei dito a respeito do general, eles, os protestantes, não deixavam de ter alguma razão...

Mas adeante.

Na Ordem de Serviço n.º 3, da 2.ª Repartição da 5.ª Divisão, datada de Agueda em 9 de Fevereiro, no seu art.º 2.º, dizia-se: « Que por ordem de S.Ex.ª o Ministro da Guerra, marcha a apresentar-se na Repart.ª do Gabinete da Secretaria da Guerra, o General Snr. Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, comand.te da 5.ª Divisão em Operações, assumindo o comando interino

da 5ª Divisão em Operações, o coronel de Infantaria snr. José Domingos Peres.»

E assim se encerrou o incidente com prejuiso para o bom nome do general Tamagnini de Abreu

Na 3ª vez que fiquei em Postos-avançados na Fermelã, o tempo não esteve muito mau mas a tarde e a noite passaram-se a ouvir tiroteio dos lados do Salreu; procurámos localizar a origem do fogo mas não foi possivel.

Na tarde apareceu-me o Mendes dos Reis sempre muito correcto na sua farda bem talhada, que me chamou á parte, a uma eira de uma herdade proxima em sitio dominante e me disse, com ar confidencial, que havia informações de que os monarquicos iam desencadear, na manhã seguinte, a ofensiva e que a nossa posição de Fermelã não era segura se o ataque fosse dado com efectivos fortes. Assim eu deveria manter-me o mais tempo que podesse e retirar sucessivamente por posições á rectaguarda que me foi indicando — pois o local onde estavamos dominava bem o terreno tanto para um lado como para o outro.

A certa altura da conversa e das instruções, percebiu-se, do lado de Estarreja, o som

de violenta explosão e pouco depois viu-se bem elevar-se uma coluna ou de fumo ou de poeira, bastante escura que nos intrigou.

Com os binoculos, localizámos o local da explosão e o Mendes dos Reis, mais conhecedor do terreno do que eu, disse que fôra no pontão da linha ferrea sobre a ribeira de Antuã e concluiu com certa justeza:

— Se os homens estão a inutilisar a linha para o Sul de Estarreja é porque não estão dispostos a atacar.

E daí a pouco:

— Parece que temem a nossa ofensiva e estão a arranjar obstaculos.

Aconselhou-me, contudo, a não descurar a vigilancia e a não pôr de lado a possibilid.e do ataque, pois a explosão poderia ser estratagema.

Chamei os capitães, dei-lhes conta do que se passára e transmiti as instruções recebidas do comandante. Veiu a noite; do lado de lá continuou o tiroteio, aliás sem resultado e sem qualquer razão; e eu passei a noite a pé, ora percorrendo a linha de vedetas ora passeando na saleta da casa á espera do que desse e viesse.

Rompeu a manhã, saí em busca de informações: as patrulhas lançadas dos postos não acusaram movimento de qualquer especie no lado de lá; a força de Cavalaria deu igual informe e aproximou-se a hora da rendição e os monarquicos não deram sinal de si.

Na mad.ª a explosão foi na ponte do Antuã, na linha descendente, se a memoria me não falha; e se houve movimento de tropas foi no sentido de retirada para o Norte e tambem de defensiva nas posições de Estarreja onde se via, bem á vista, imponente sobre o telhado da casa da Camara, uma grande bandeira azul e branca.

Em 9 de Fevereiro, á noite, o comand.te Mendes dos Reis deu as instrucções verbais para no dia imediato se fazer o ataque a Salreu, isto é, á grande lomba, bem pronunciada, onde está a povoação deste nome que se estende para Leste com varias designações e em grande extensão. Povoação rica, quase sempre ao longo duma rua, com excelentes prédios, largos ajardinados, etc. que me deixou bela impressão.

0-6

Este ataque já estava planeado pela Ordem secreta nº 4 de 7 de Fevereiro dirigida aos Destacamentos.(1) Por qualquer razão foi adiado para 10 e as instruções que o ten.te-coronel me deu foram minuciosas e bem claras.

Realmente o Mendes dos Reis era sempre preciso e claro nas suas directrizes; no fim das sessões ninguem poderia dizer que não ficou ciente.

Ouvi, como ordinariamente, com atenção o plano e transmiti aos comand.tes das companhias tudo quanto me foi recomendado. E como nesse ataque do dia 10 eu novamente me vi envolvido numa batalha da desagradavel, e fui acusado de mau comando, vou transcrever periodos do relatorio que entreguei ao Mendes dos Reis e q. fala como escritura:

« Deu V.. todas as instruções verbalmente e indicou-me que o meu batalhão teria por missão realizar a marcha pelo Sobreiro

---

(1) Esta ordem com outros docum.tos dados pelo cor.el Salvador Pinto da França, ficam guardados em pasta á parte mas junto destes volumes de memorias.

sobre a frente, passando por Pedras Brancas até Porto de Baixo e uma povoação a Sul, cujo nome não posso citar porque não tenho carta e porque me não recordo já. Entre as instrucções, V.. recomendou-me (como na noite de 29 para 30 de Jan.^ro) que procurasse as ligações com a coluna da direita (Destacam.^to n.º 1) porque o 1.º batalhão faria as necessarias ligações com o meu.

« Iniciei a marcha para o Sobreiro á hora determinada; no Sobreiro, para poder ultrapassar os Postos-avançados, tive que esperar pela Cavalaria que ainda não tinha chegado e, só depois de algum tempo, quando a exploração se iniciou, é que eu ordenei a marcha do meu batalhão que avançou com a 1.ª companhia na frente.

« O terreno, ao começo levemente ondulado, depressa se mostrou cortado por sulcos e valeiros fundos, encharcados e de vertentes asperas; quase todo coberto de pinhais, dificultava qualquer observação que não fosse muito proxima; constantemente cortado por atalhos, em regra maós, complicava a marcha porque não havia pontos de referencia e porque não tinha uma carta*. Alem de tudo, o tempo estava pessimo; a chuva, de certa altura em dean

te, caía desabaladamente, encharcava cada vêz mais o terreno, tornava caudalosas umas ribeiras que se tiveram de atravessar — e eu, sem carta e sem cavalo, via-me num embaraço que só pode compreender quem me acompanhou e quem passou pela dureza daquele dia.

«Não me refiro a estes factos para dar a impressão de que eu e o batalhão merecem louvôr; tão somente para minha defesa eu trago á balha isto porque fui acusado (embora o não fosse directamente) de ter prejudicado a marcha do 4.º batalhão [1] sobre o Salreu ou de apenas estavam uns dezóito homens do rebeldes — unico obstáculo que aquela unidade encontraria na sua marcha p.ª a frente.

«E' certo, porem, que apesar de tudo, mau grado a aspereza do dia, as dificuldades do terreno, a inabilidade das ordenanças de cavalaria que duas vezes deixaram perder o contacto entre as tres primeiras companhias (que avançavam em linha e bem ligadas para o seu objectivo) e a companhia que constituia a reserva; não obstante a dificuld.e de orien-

---

[1] O do major J. Virgolino Feio Quaresma.

tação que aumentava com a cerração da tarde e com o desconhecimento para todos do terreno — é certo, dizia, que o objectivo dado por V.. para o batalhão foi atingido relativamente cedo e ultrapassado até na direita pois se alcançou a povoação do Santelo, creio que limite de marcha para a Cavalaria.

«As ligações com o 1.º batalhão, valha a verdade, foram imperfeitas; mas V.. na véspera, disse-me que elas seriam feitas da esquerda para a direita.

«Temendo, contudo, que sucedesse o mesmo que em 30 de Janeiro anterior, recomendei especialmente á 1.ª comp.ª que avançava na esquerda, que procurasse ligação com a direita do 1.º batalhão — não quisesse o Diabo q. a falta de ligação redundasse em asneira grossa! Enviei até o ajudante do batalhão para auxiliar esse serviço — tão certo foi o eu preocupar-me com uma coisa de que V.. me não encarregou e que eu tomei a peito simplesmente para bem do serviço que se fazia.

«Por isso, admirei-me quando, cerca das 13 horas recebi uma nota do 1.º batalhão que me pedia: «mantenha-se em ligação com as minhas forças»; coisa de meia hora depois

uma nota de V.. dirigida para o comandante da Cavalaria dizia: «diga ao major Pimenta "que fique com o 1º batalhão» e recomendava que eu prolongasse o flanco direito deste; a cerca das 15 horas V.. insistiu: « estabeleça "ligação com o 1º batalhão» e recomendava que avançasse para este batalhão poder tambem avançar.

« Ora é conveniente dizer que o meu batalhão avançou sempre regularmente, quase sem fazer paragens e que atingiu o seu objectivo cerca das 15 h. e 30 m.; que a 1ª compª participou-me que durante a sua marcha foi-lhe impossivel ligar com as forças da esquerda por dificuldª do terreno e por insuficiencia do seu efectivo; e julgo dever acentuar que me não pareceu nunca que os dezoito a vinte homens que os rebeldes tinham em Salrau fossem motivo suficiente para o sr. comandte do 1º batalhão deixar de cumprir as indicações dadas na vespera por V.. e tambem me não pareceu motivo para que V.. modificasse, de repente, essas mesmas indicações precisamente quando eu tinha as companhias empenhadas no avanço, quando lutava com as dificuldª do terreno e do tem

po tempestuoso e quando, pela falta de uma carta e de pontos de referencia, se levantavam a todo o momento dificuld.^es de orientação a ponto de, por duas vezes, eu ver iminente a perca de contacto motivada pela insuficiencia ou inhabilidade dos meus agentes de ligação e, por consequencia e em boa linguagem, ao ver-me perdido das companhias da unidade que comandava!

« Nessa altura tinha que modificar a directriz da marcha porque teria de obliquar sobre a esquerda; empregar mais forças para as ligações, anulando quase a reserva que já estava fraca por constante envio de patrulhas; avisar a Cavalaria que eu então na sabia onde estava ou estaria em sitio onde os meus homens não saberiam ir; enfim, alterar por completo uma marcha que se fazia penosamente, com sacrificios e que se realizou devido á competencia e dedicação dos comandantes das companhias e mais oficiais — só para que o 1.º batalhão avançasse contra Salreu defendido por dezoito ou vinte homens.

« Isto tudo, até, poderia dar a impressão ás pessoas desconfiadas, de que havia o proposito de dar ao 1.º batalhão missões de certo destaque

e que fossem faladas nas gazetas, lançando as outras forças para simples missões secundarias e de mero auxilio.

« Desculpe V.. o tom que emprego aqui, nestes comenos, e que não está bem com os meus habitos — mas a defesa do meu batalhão exige a mais honrada verdade.

« O meu batalhão cumpriu tudo o que lhe foi determinado e, apesar de todas as dificuldades, não necessitando auxilio de ninguem; ao chegar ao seu objectivo, sem ter comido nada desde as 8 horas, instalou os Postos avançados ao longo da linha Soutelo — Campinos de Salrou, debaixo de constante temporal; e, quando eu, por mera cortezia, mandei um oficial procurar o comand.te do 1º batalhão para saber, ao certo, onde estava a sua direita para não deixar intervalo prejudicial á defesa, este sr. oficial teve, com modos bruscos, uma frase desprimorosa para a minha unidade.

V.. mesmo, quando o meu ajudante foi receber ordens ao Q.tel General de Canelas, teve palavras de menos justiça para comigo e ditas deante de muita gente — podendo dar a impressão a quem ouvia de que eu e o batalhão não tinhamos cumprido com o que fô-

ra determinado e que tinhamos prejudicado o facil exito da ocupação de Salreu.

«A marcha violenta, como fôra, extenuou-me; tive de a fazer a pé porque nunca me foi dado um cavalo; e ao chegar á noite ao Salreu, senti que não poderia continuar a comandar o batalhão — acrescentando á minha falta de saude a desconfiança superior de que eu seria um obstaculo á realização das operações.

«O receio de me não aguentar fisicamte e de continuar a prejudicar o exito das operações contra os monarquicos, levou-me a baixar ao Hospital Mar de Aveiro afim de descançar uns dias ou mesmo abandonar o serviço do Destacamento se isso fosse necessario para bem do mesmo.»

A transcrição foi longa mas valeu a pena. Eu tinha o condão de ser o poste das marradas daquele sr. major Teio Quaresma que queria ser sempre superior em tudo e gosava da complacencia do Mendes dos Reis. E eu com a fama (aliás sem proveito) de homem de letras é que papava as favas.

A minha defesa foi porem clara e vim a saber depois que o Mendes dos Reis sentiu-

se um pouco atingido e não gostou muito; foi, porém, correcto e nunca se queixou.

Apenas numa carta que eu conservo, lastimava ligeiramente, mas educadam.te, as minhas queixas que, não obstante, não destruiu ou diminuiu.

Passados muitos anos, falando no Arquivo Hist.co Militar com o Ferreira Lima, seu director, a respeito desses sucessos de 1919, ele mandou procurar o meu relatório na pasta respectiva mas não foi encontrado como foram os dos outros comand.tes de batalhão do Destacamento. Concluímos que o Mendes dos Reis quando entregou o seu relatório não o fez acompanhar do meu de certo porque iria, já não direi desmentir, mas alterar alguma coisa o que no seu escrevera.

Mas... velhacamente, confesso, quando voltei a Coimbra, fiz uma cópia e remeti-a ao Ferreira Lima que a leu e concordou com que o seu desaparecimento, quase com certeza, fosse provocado pelo próprio tenente-cor.l Reis. Porem, lá ficou no Arquivo para a Posteridade julgar, se assim o entender e se benignamente quiser ter esse trabalho...

Voltando á marcha contra a hipotética fortaleza do Salrau...

Cheguei estafado e molhado á povoação onde já o provisôr me tinha marcado alojamento e ao alferes miliciano Abel Rebocho Vaz (funcionario de finanças ha pouco falecido) que eu tomára como adjunto do comando para o livrar de suspeitas, como comand.te de pelotão, de pouco leal ao regime.

Fomos aboletados em uma esplendida casa de um velhote rico que afinal era sogro ou tio avô da esposa de um meu velho condiscipulo de tu, desde a Instrução Primaria e patricio, Artur Vieira de Carvalho, filho dum negociante na rua de Ferreira Borges ou Calçada, muito conhecido e considerado em Coimbra, Vieira de Carv.º que, por ser calvo, era cognominado por «Vieira careca.»

O velhote recebeu-me excelentemente, obrigou-me a ir para perto do fogão da sala da mêsa para secar as botas encharcadas e aquecer os pés ao mesmo tempo; fez-me, e ao Rebocho Vaz, servir uma refeição quente que me soube maravilhosam.te pois desde a madrugada nada comera porque o provisôr perdera-se ou não deu com a 4.ª companhia do

batalhão que ia na reserva e nos acompanhava na marcha.

Lembro-me muito bem... (lá vai uma recordação romanesca para alegrar a narrativa insulsa que estou fazendo) de que entre as pessoas da familia do dono da casa, presentes ás nossas refeições, havia uma senhora, sobrinha do velhote, dos seus 30 a 35 anos, casada com o marido ausente, com uns olhos extraordinarios, negros e profundos, que pareciam lançar chispas de dolorosa solicitação... O mexer das mãos revelava temperamento nervoso e as faces um tanto ou quanto pálidas, com olheiras, denunciavam as exigencias de sangue quente.

Enfim, tenho ainda bem presentes, apesar de já lá irem 44 anos quase certos [1], esses extraordinarios olhos que me impressionáram e que no dia seguinte não voltei a ver.

Mas adeante.

Retomando o fio... Ao chegar a Salreu, encharcado e aborrecido com todas as peripécias que contei, senti que estava febril. Andá va já um pouco constipado e não me admirei

---

[1] Estou a escrever em 18 de Fever.º de 1963.

que tivesse piorado com a marcha tão desagradavel. Passei a noite em claro, por assim dizer; fiquei vestido, apesar da boa cama oferecida; e o estado febril manteve-se até de manhã que, felizmente, apareceu excelente.

Resolvi procurar o medico, - o Barata da Rocha q. fui encontrar deitado em cama de um quarto de certo luxo em predio de boa aparencia; ele concordou que eu não estava de momento, em estado de exercer comando e deu-me baixa ao Hospital militar de Aveiro. ~~dato~~ Fui ter com o capitão Zeferino Camossa a quem entreguei o comando; e com o Rebocho Vaz que tambem baixava ao Hospital porque contraira doença suspeita não sei onde, fomos em busca da carripana a que já me referi e com as maletas onde tinhamos reduzida roupa, mandei bater para a povoação de Canelas onde estava o Quartel-gen.al

O Mendes dos Reis lá estava, rodeado de oficiais, sempre aprumado, com ar distinto, como se saisse do quarto de sua casa em tempos normais. Pareceu-me que não gostou da minha baixa ao Hosp.al e não a aceitou, disse-me que me considerasse doente no aquartelamento uns dias e que queria continuar a campa-

nha com os oficiais com quem começára.
Se foi sincero ou não, não sei; talvez se arrependesse do que dissera na vespera e foi atencioso.

Despedi-me dele, meti-me, de novo, na carripana e segui para Aveiro onde me apresentei ao Com.^te^ Rocha e Cunha que exercia qualquer função na cidade, creio que oficial de ligação com as forças navais.

Conversámos; eu tive com ele que era excelente pessoa, inteligente e m.^to^ compreensivo, certos desabafos que ouviu com atenção como quem avaliava bem o meu caso.

Como ainda não tinha almoçado, despedi-me e ele disse-me em tom m.^to^ amigavel:

— Olhe, major: daqui a umas 2 horas segue um comboio para Coimbra; vá até casa descançar estes dias; é um caso de higiene mental. E depois volte para ajudar a liquidar esta trapalhada desagradavel.

Aceitei o conselho. Fui almoçar e depois dirigi-me á estação e dentro em pouco rolei para Coimbra num estado de espirito que talvez não saiba descrever.

Se é certo que eu necessitava descançar os nervos profundamente alterados, ao mes-

no tempo, no meu espirito surgia a duvida de eu me esquivar ao serviço tanto mais que no caminho, nas alturas da Fermelã, ouvimos a Artelharia a troar com frequencia, sinal de que o ataque a Estarreja se estava já a realizar. Não tinha pena, na verd.e, de não assistir ao combate; mas sentia que a minha saída, horas antes, dele começar, não seria das atitudes mais elegantes para me servir dum termo apara em moda.

Estes prós e contras ferveram-me no caminho enquanto o comboio ronceiramente seguia para Coimbra; e durante os dois escassos dias que estive em casa, não saía p.a me não mostrar — não fosse a má lingua chamar-me «emboscado», termo que se usou muito durante a guerra que pouco antes terminára.

No dia 13, porem, entendi que o descanço fôra suficiente e meti-me á tarde num comboio militar que seguia para o Norte. Chegui a Aveiro ao anoitecer e encontrei a cidade alvoroçada com a noticia de que no Porto se restabelecera o regime republicano e de que as tropas monarquicas se renderam sem formalidades

Fui ver com o comand.^te Rocha e Cunha. A consciencia dizia-me que a minha apre-sentação no batalhão era, agora, susceptivel de ser recebida com sorrisos... Acabára a luta, já daí em deante o carrinho não vinha perigos e a minha chegada poderia parecer que ia colher os louros que os outros conquis-taram. Expuz ao bom Rocha e Cunha es-tas minhas duvidas e pedi-lhe que me desse guia para o meu regimento 35 pois já não era preciso e, para qualquer eventualidade, o Zeferino Camossa comandaria muito melhor do que eu.

Conversámos um pouco e o Rocha e Cunha respondeu aos meus escrupulos di-zendo que a m.ª obrigação era apresentar-me ao Mendes dos Reis e se este concordas-se comigo então regressaria a Coimbra; por sua parte, entendia que o meu papel conti-nuava pois ainda se não sabia se para o Nor-te as coisas estariam tão simples como na região de Estarreja e na cidade do Porto.

Dormi em Aveiro e no dia seguinte, 14, logo de manhã, procurei transporte para Ovar onde me disseram estar o meu ba-talhão. Encontrei casualmente o tenente

(creio que era miliciano) Abel Lopes de Almeida, da Administração M.ar que foi noutro tempo meu sargento no regimento de Inf.ª n.º 23 — por sinal que mau sargento embora bom rapaz.

Veio para mim, quando me avistou, com certo ar de velha amizade; contou-me que chegára de Africa ha pouco e se apresentára logo sinceramente, etc. etc. Estava, nesse momento, para ir a Ovar em serviço e me ofereceu logo um logar num automovel que vi perto, não sei de quem.

Eu aceitei e lá fomos, estrada fóra, para Ovar onde encontrei o batalhão dentro dum comboio parado na estação do cam.º de ferro.

O Mendes dos Reis estava com os seus ajudantes numa carruagem de 1.ª classe; ao ver-me, recebeu-me bem, afirmou que gostava de levar os seus oficiais até ao final da tarefa e recusou dar-me guia de marcha para recolher ao regimento

Repito: não sei se foi sincero; aparentemente, porem, mostrou correcção, como aliás fazia sempre; nunca o vi exaltado, com maus modos. Fiquei com excelente impressão dele mas nunca mais o encon-

trei; ainda vive, com perto de 90 anos se os não viver já e, segundo me disseram, há pouco tempo, com relativa saude e desembaraço.

Procurei as carruagens onde estavam os oficiais do batalhão e daí a pouco o comboio partiu, m.to comprido e ronceiro.

Parou o comboio na estação do Espinho e aí se desceu para ficarmos á espera de ordens. Estava terminada a campanha e íamos entrar numa segunda fase a que se poderá chamar do rescaldo.

As tropas foram aquarteladas, melhór ou piór e eu e os meus oficiais fomos tomar quarto num hotél fronteiro á estação, na esquina Sul da rua central a que, antigamente, se chamava o Chiado.

Havia em todos um ar de alivio e satisfação; os comandos superiores, se me não engano, já estavam no Porto e nós ficamos á espera do dia da nossa entrada triunfal na Cidade Invicta.

Lisboa:
7 de Dezembro de 1962
a 20 de Fever.o de 1963.

III

«E ainda viajo m.ta vêz, absorto,
Pelas margens da minha retentiva.»
Cesario Verde: *Flores velhas*, a pag.

«... a verdade é esta: todos, pelo simples facto de vivermos e pelas constantes opções que viver implica, fazemos historia; ...»
David Mourão Ferreira: *Motim Literario*, pag. 179.

Ha vinte e tal anos que não ia a Espinho. Quando passava no caminho de ferro, parecia-me ver sempre a mesma coisa, os mesmos aspectos; mas desta vêz notei que o mar avançára muito e destruira a parte velha da vila; e das janelas do hotel, ao pé da linha ferrea, viam-se logo as ondas quebrárem na reduzida praia que, aliás, foi sempre má.

Havia boa disposição em todos e ao jantar do hotel onde me alojei com alguns dos meus oficiais e onde muitos outros se alojaram, o champagne estoirou em várias mesas e um ou outro mais exaltado (ou mais bêbedo) lançou um brinde entusiasta.

Foi isto, como disse, em 14 de Fevereiro.

Pouco depois da chegada, reuni os meus oficiais e assumi o comando — não sei se com satisfação deles. Recebi ordens do Mendes dos Reis que instalou o seu Quartel-General no salão da Assembleia, no 1º andar, ao mesmo tempo que o capitão-de-fragata Afonso Cerqueira que comandava o batalhão de marinheiros e seu imediato 1º tenente Carlos Augusto Vilarinho.

Devo até aqui notar que estes dois oficiais da Marinha, distintos como eram, especialmente o primeiro, não davam confiança aos oficiais de terra que ali havia; só se dirigiam ao Mendes dos Reis e mesmo assim com ar sobranceiro. Era atitude pouco simpática e eu, propositadamente, quiz tirar uma prova, a certa altura, e falei para o Vilarinho a propósito de qualquer coisa de momento; ele não foi incorrecto, mas quase:

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

deu resposta sêca de quem não queria mais palavras. Hoje dir-se-ia: peneiras!

Como disse, houve animação aos jantares e dessa animação nasceu um episodio em que tive papel principal e me aborreceu bastante.

Ainda aqui não falei do capitão Jaime Baptista que comandou um dos batalhões que alternávam comigo durante o periodo sossegado de Angéja. Era um rapaz altô, sêco, com feições duras; tinha fama de valente e muito desembaraçado, capaz de certas audacias. Era honrado, capaz de se sacrificar pela palavra dada. Tinha alguma queda pela politica de que veiu a sofrer, mais tarde, depois de 28 de Maio. Tinha feitio aspero, um tanto ou quanto impertinente, mas homem sério, cumpridor, e não fugia ás responsabilidades que lhe poderiam caber.

E' claro que me relacionei com ele e fiquei gostando do seu aprumo e da correcção com que sempre tratou os serviços proprios e os que eram relacionados com outros. Ele parece que simpatizou comigo e quando chegámos ao Espinho já nos tratávamos com certa familiaridade.

Ora aconteceu que no dia 14, ao jantar, parece que ele e os seus oficiais regáram alegre e copiosamente a refeição; depois, foram creio que para qualquer club ou casa de jogo onde se encontraram com o Virgolino Feio Quaresma. Já me não lembro bem do que houve entre os dois; o que sei é que trocáram expressões de certa rudeza, com alguma exaltação, no que o Quaresma, possivelmente também com grão na aza, se excedeu muito e ofendeu o Baptista.

O certo é que, no dia seguinte, 15, estava eu no quarto ainda a vestir-me, quando me bateu á porta e entrou o Jaime Baptista com outro oficial do seu batalhão, o simpatico Camilo de Oliveira.

O Jaime, solenemente, apresentou-me uma carta dirigida a mim e ao Camilo, solicitando que procurassemos o Feio Quares ma que na vespera o insultara e lhe exigissemos uma retratação ou reparação pelas armas. A carta entregava nas nossas mãos a sua honra ultrajada.

Um duelo!...

Li a carta vagarosam.te para dar tempo a pensar na resposta; intimamente, ri-me

é claro, porque pensei que tudo viria das bebedeiras da vespera; mas respondi que agradecia a deferencia para comigo, dei-lhe razão, mas perguntei se valeria a pêna levar a tal ponto o insulto lançado por creatura que não tinha grande fama de seriedade e que lançaria o insulto levado pela exaltação do momento.

O Jaime foi claro: não desistia, estava disposto a tudo e agradecia-me ser eu o seu representante no melindroso caso e pôr a questão tão correctamente e com tal decisão que eu concluí:

— Está bem, Baptista. Estou ás suas ordens.

Ele retirou-se e eu fiquei a acabar de me arranjar, na presença do simpatico Camilo de Oliveira, com quem ia trocando impressões acerca do incidente, ao mesmo tempo que lastimávamos a teimosia do Baptista que poderia redundar em coisa pouco agradavel. Fomos depois tomar o café com torradas da dejejua (nesse tempo, ainda eu bebia café!) e confortados com a excelente bebida, lá fomos corajosamente ao encontro do Quaresma mas, ao mesmo tempo, receosos de máu resultado.

Encontramo-lo no salão da Assembleia onde o Mendes dos Reis tinha o seu Q.^el General. Havia já grande animação, muitos oficiais, em grupos, conversávam e discutiam em voz alta. Aproximamo-nos do homem com ar solene que ele logo estranhou; mostrei-lhe a carta credencial que leu com sobresenho carregado; dobrou a carta, entregou-ma e disse com ar brusco e de certo desprezo:

— Diga ao Jaime Baptista que me não bato com bêbedos!

De repente, não encontrei resposta; mas refazendo-me, segurei a carta, perfilei-me e fazendo correcta continencia disse com toda a pausa:

— Pois bem, major: não se bate com o Jaime por ser bêbedo mas bate-se, então, comigo, que o não sou...

O Quaresma olhou para mim espantado:

— Comigo?

— Sim senhor... O Baptista entregou-me a resolução da pendencia, sou eu, pois, que o represento e quero representa-lo com dignidade.

O Quaresma, visivelmente contrariado, quiz levar o caso p.ª a brincadeira; que nada tinha comigo, que nunca me ofendera, q. ficava meu amigo, etc. etc. Eu mantive-me perfilado e continuei a afirmar:

— Está tudo muito bem, mas o Jaime Baptista exige satisfação ou reparação pelas armas — e tem de havê-la ou com ele ou comigo.

O Quaresma voltou ás amabilidades, com ar de quem se via embaraçado; e como viu que eu me mantinha, acabou por me dizer:

— Bem, lá lhe mandarei dois amigos.

Eu e o Carrilo fizemos a continencia e saímos do salão. Soubémos depois que esta cêna deu azo a falatorio entre os oficiais presentes quando souberam o que se passára. Voltámos ao hotel e esperámos.

Vieram as horas do almoço e ninguem apareceu; só depois, mais para a tarde fômos procurados por dois oficiais cujo nomes já me não ocorre que vinham da parte do Quaresma. Mas o que achei extraordinario foi que, sendo testemunhas dum possivel duelo, apareceram com ar alegre,

quase a rir, como quem ia para cêna galhofeira. Quer dizer: os dois rapazes não tomáram o caso a serio — e teriam razão.

Lidas as credenciais, os dois rapazes declaráram no mesmo tom folgazão que o Quaresma não se batia e queria que compozessem a questão como entendessem e resolvessem tudo o melhor possivel. Eu peguei-lhes na palavra e como já levava papel proprio, propuz-lhes fazer um rascunho de acta que logo escrevi e com que eles concordáram.

Dizia eu na acta que o Quaresma, dado o estado de excitação alegre com que todos estavam por verem a campanha terminada, é possivel que se excedesse, sem má intenção, nas palavras dirigidas ao Jaime Baptista, como tambem a outros camaradas; que a aparencia ofensiva dessas palavras não tinha importancia... e assim sucessivam.te, quase a pedir desculpa do que dissera.

E' claro que eu não quiz levar muito longe a retratação para não humilhar de mais o homem; não quiz ser cruel... As duas testemunhas acharam bem, fizemos as copias regulares, assinámos, bebemos um café de conciliação e fomos dar parte aos respectivos

constituintes da resolução. O Jaime Baptista ficou m.to satisfeito; estava nervoso julgando que o caso daria mais que fazer; mas demos um abraço apertado e comovido.

Tomára o episodio muito a serio e quando o Carrilo de Oliv.a disse que a acta fôra obra minha, deu-me novo abraço e assim ficámos amigos.

Eu, intimamente, dizia para comigo, que me fizeram aborrecer com tais gemidos de honra ultrajada; que eu poderia ter passado mau bocado se o Quaresma fosse homem de outro estôfo; e que ninguem me mandou ser condescendente, afinal de contas, com bebedeiras.

E o Quaresma creio que se contentou com a má figura que fez.

Mas adeante. O caso não deixou de ser um tanto ou quanto curioso e deu-me ensejo a verificar o que os homens podem ser em circunstancias semelhantes.

Com todas estas pequenas coisas se vai aprendendo.

Sobre a tarde, eu e o Zeferino Camossa fomos á Assembleia onde, como disse, o Mendes dos Reis tinha o seu Quartel G.al para re-

ceber ordens. Este, lá estava com seu ar um tanto ou quanto solene, com outros oficiais[1]; mostrou-nos a ordem superior que havia relativa à nossa entrada no Porto, no dia seguinte, 16; explicou-nos qual o nosso lugar na coluna que se formaria em Vila Nova de Gaia e deu-nos outros pormenores.

O dia foi passado a tratar dos soldados, a prepará-los para o dia imediato em que íamos

---

[1] Hoje, dia 2 de Março, em que estou a escrever esta página, quero deixar dito que ontem encontrei o Coronel Mendes dos Reis, casualmente. Foi à Farmácia Militar, na rua de S. José, comprar umas drogas e por indicação dum outro coronel que, como eu, comprava remédios, dirigi-me ao velho comandante que eu já não reconheceria sem que me chamassem a atenção. Engordou muito, o andar não me pareceu m.to desembaraçado, rapou o bigode que lhe dava certo aprumo; quase o não reconhecia se não fosse o olhar ainda bastante vivo apesar dos seus 91 anos bem puxados ou talvez mais. Quando lhe disse quem era, vi-lhe na expressão alguma alegria e disse-me:
—Andámos a brincar aos monárquicos! Bons tempos! Éramos mais mais novos!

Conversámos ligeiramente, pareceu-me q. ele estava com pressa de sair; eu disse-lhe quais quer amabilidades que não eram engraxadelas mas representavam a m.ª reacção perante o encontro, ao fim de 44 anos dum comand.te que sempre reputei bom e que, de então p.ª cá, tem passado maus bocados e se tem mantido com dignid.e

receber as aclamações dos portuenses, quem sabe se dos mesmos que aclamaram o Paiva Couceiro e a sua gente.

No dia 16 houve quase madrugada; o batalhão veio formar perto da estação do caminho de ferro e quando chegou a sua vêz embarcou num comboio ali organizado e seguimos para Gaia, onde de novo formariamos.

Lembro-me de que apareceram dois belgas, rapazes novos, vindos de Lisboa, autorizados a seguirem no primº comboio militar que se formasse para o Porto; eram de familias de negociantes residentes na cidade invicta e vinham des mobilizados do exercito do seu país. Quando o comboio começou a andar, os soldados que tinham estado em França entoaram a Barbançonne com certo entusiasmo; os dois belgas não se contivéram e acompanharam alegremente o canto da soldadesca.

Episodio de que me lembro bem e que na ocasião me sensibilisou.

---

frente a varias perseguições. Vim para casa bem impressionado. Gostei de ver o homem, demais a mais resistente á decadencia fisica e pareceu-me tambem á decadencia moral.

(Lxª. - 2 de Março de 1963)

Em Gaia, o batalhão formou num largo qualquer, perto da estrada nacional; ensarilhou armas e ficamos á espera de ordens. O regedor acompanhado pelo provisôr da unidade indicou-me uma casa para eu almoçar; aceitei porque não haveria outros meios de comer.

Era um palacete, estilo moderno, dum rico negociante ou industrial do Porto; fui com o Carlos Alpoim que ainda figurava como meu ajudante. Bem recebidos, embora com ares cerimoniosos e reservados, serviu-nos juntamente com ele e com um amigo que nesse dia lá estava, um belo caldo verde á maneira minhota e uma excelente dobrada, das boas e caracteristicas «tripas» portuenses e não me lembro q. outro prato mais, alem de fruta, doces e charutos. Foi uma esplendida refeição que, passados dias, eu fui pessoalmente agradecer.

Ao voltar ao largo onde o batalhão formára, avistei o regedor e perguntei quem era a pessoa em casa de quem almocei; o homem, a rir, disse-me o nome de que já me não lembro e acrescentou:

— E' um dos maiores talassas de Gaia!... Foi por isso que lhe marquei a casa para Vossa Excelencia...

É claro que a creatura merecia reprensão; mas naquele momento e sabendo que ele estivera preso e maltratado durante o periodo monarquico, achei melhor calar-me... Confesso que fui fraco.

Quando fui agradecer ao negociante disse-lhe quaisquer amabilidades e fiz-lhe notar q. não tive culpas na intromissão. Ele, que me pareceu homem inteligente, de certo deveria perceber.

Chegada a hora e marcado o meu lugar no desfile, lá fomos ruas fóra, direitos à ponte de D. Luis. Para o desfile mandáram-me 4 cavalos e umas ordenanças montadas; os cavalos foram: para mim, para o Zeferino Camossa, para o Alpoim Castro Lopes e para o Ten.te-medico Barata da Rocha; as ordenanças montadas seguiam logo atraz de nós.

O desfile levou tempo. Na avenida que desce para a ponte houve uma paragem demorada e nós ficámos ao pé da residencia do dr. Maximiano de Lemos, professor da Faculdade de Medicina, escritor e historiador da Medicina em Portugal, com quem eu já me tinha relacionado por cartas a proposito dos meus subsidios para a historia dos Partidos Medicos

de Miranda do Carvo e de Serrido, publicados dois anos antes nos Arquivos daquele distinto professor e poligrafo.

O Barata da Rocha, ao ver o Dr. Lemos á varanda, saiu da formatura e foi-lhe dizer que eu estava ali, á frente daquela Batalhôa; eu, do meu lugar, saudei-o, ele disse-me adeus levantando os braços, efusivamente; e no dia seguinte foi-me procurar p.ª me conhecer.

Encontrou-me no Quartel-Gen.al e conversei um bocado com ele; passados dias fui á residencia pagar-lhe a visita. Era pessoa m.to simpatica, com maneiras simples, afectuosas; excessivam.te miope (que o obrigava a letra muito miúda) era conversadôr atraente, com conversa variada e fluente. Fiquei gostando dele e nunca mais o voltei a ver.

Uns dias depois da visita a casa dele, escrevia a meu cunhado Costa Ferreira com quem ele se dava: « Já visitei o Dr. Maximiano de Lemos que achei m.to simpatico. Tinham-me dito que era surdo, mas afinal eu apara ando mais surdo do que ele, com as varias gripes mal tratadas ou sem tratamento que apanhei nestes trabalhos em que andei envolvido. Das conversas que tive com ele ficou

resolvida mais colaboração minha para os seus Arquivos » — colaboração que não cheguei a mandar.

O desfile interminavel das tropas la seguiu pela ponte de D. Luis e ao subir-mos para a Praça da Batalha, começaram as manifestações populares principalmente ao chegarmos á Batalha, coberta de poviléu masculino e feminino que se agitava, acenava e gritava com aparente entusiasmo.

Eu dizia para os meus companheiros se tudo aquilo seria sincero; eles sorriam e encolhiam os ombros. E no meio de multidão barulhenta descêmos a rua de S.to Antonio e passámos em continencia perante um tablado onde estavam as autoridades civis e militares.

Quando nos aproximavamos do tablado, vejo dirigir-se para nós o Mendes dos Reis que estava no grupo das autoridades a perguntar-me pelo Quaresma que não tinha passado com o seu batalhão na devida altura do desfile; respondi que não sabia dele

(1) Arquivos de Historia da Medicina Portuguesa, Porto.

8

e, na verdade, não sabia nem tinha que saber; mas depois soube que se perdera nas ruas de Gaia e fôra ter ao tabuleiro inferior da ponte e seguira para o seu aquartelamento sem passar pelo ponto de continencia.

O meu destino, dentro do Porto era o quartel do Regim.to de Inf.a n.º 18, em S.to Ovidio ou seja o que então Praça da Republica; e assim feita a continencia, meti rua do Almada acima direito ao velho quartel onde um tenente-coronel nos recebeu com ares de comprometido e modos reservados — o que era natural, colaborára com os monarquicos e sentia-se mal com a nossa presença aliás sempre correcta e sem qualquer especie de basófia.

A proposito das aclamações nas ruas devo aqui deixar registado o seguinte comentario de meu Tio Alvaro Xavier Pimenta que não deixa de ser curioso e perspicaz.

Era ele, ao tempo, Fiscal do Governo junto da linha ferrea do Vale do Vouga e residia, por isso, em Vizeu e ao mesmo tempo tinha um quarto permanente no Hotel Chinez, em Espinho para quando lhe apetecesse deixar a Beira-Alta e ir tomar ares maritimos com pensadores.

Era monarquico, mas espirito liberal; quando em Jan.ro a Monarquia foi proclamada no Porto, estava ele em Espinho, fugido aos frios da Beira Alta; não resistiu e meteu-se no prim.o comboio e foi ver o que havia na cidade invicta.

Contou-me ele depois, com a sua maneira alegre de contar coisas, que ao chegar ao Porto ficou admirado das manifestações, do bulicio, do ar de entusiasmo que notou em todos e pensou:

— Não ha duvida... O Porto é monarquico...

Durante o periodo da Monarquia ia muitas vezes ao Porto e via tudo mais ou menos em ordem aparte certo movimento de tropas e os boatos que vinham de Lisboa que inquietavam um tanto ou quanto os homens do Governo provisorio.

No dia 13 em que se restaurou a Republica estava ele na cidade e assistiu ao movimento restauracionista, com grandiosas manifestações, o mesmo bulicio alegre, o mesmo ar de entusiasmo, foguetorio, musicas, etc. etc. que lhe fez dizer para a Esposa q. nesse dia, casualm.te, o acompanha-

na para fazer compras e se diliciar na beleza das montras das lojas de modas:

— Não ha duvida... O Porto é republicano...

E agora acrescento eu á narração que meu Tio, com singeleza, me fez, passados alguns anos:

— Quem quizer que vire a moralidade.

Continuando...

Aquartelado o batalhão que, nessa altura, andava por 600 e tantos homens,[1] o provisôr disse-me que os hotéis estavam cheios e não encontrara quartos para mim e para os meus oficiais e me aboletara em casa do Dr. José Pedro Teixeira, professôr da Faculd.e de Ciencias que morava na mesma Praça da Republica, lado oriental, proximo do quartél.

Perguntei ao provisôr quem indicára a casa; disse-me que fôra o regedôr quem dera as indicações.

Sempre o regedôr!.. O Dr. José Pedro Teixeira era casado com uma senhora filha do Dr. Manuel da Costa Alemão, de Coimbra;

---

(1) Pelo mapa da força em 11 de Fever.º: 635 homens, 26 oficiais e 12 muares.

era monarquico e um dos filhos, o tenente Costa Alemão Teixeira de quem já aqui falei atraz (não me lembro se era oficial do quadro se miliciano) morrera em Janeiro anterior na refrega de Parada de Cunhos, perto de Vila-Real, com as forças do cor.^el Ribeiro de Carvalho, de Chaves; um outro, se a memoria me não falha, fôra ferido e andava fugido; e era para esta casa em luto e cheia de preocupações que o exaltado regedor queria mandar o comand.^te de um dos batalhões republicanos.

Como o Dr. Teixeira fora avisado da minha ida, mandei-lhe um bilhete a dizer que houvera engano e pedindo desculpas; e desta vêz disse qualquer coisa ao regedor que ele, certamente, não teria gostado.

Foi então indicada a casa do Dr. Aarão Ferreira de Lacerda, tambem professor da Faculd.^e de Ciencias (de Zoologia, salvo erro) que morava na mesma praça, lado oriental.

Aceitei e fui cumprimenta-lo. Era parente proximo do Dr. Teix.^a de Carvalho e conhecia a minha familia de Coimbra por in-

---

(1) A pag.^s 318-319 do vol.^e anterior.

termedio de D. Arminda Cordeira, irmã desta ilustre critico e historiador de Arte. Fui recebido, eu e o Alpoim Castro Lopes com afectuosidade e quando disse que o boleto era só para dormir, o Dr. Aarão insistiu para que eu ficasse de cama e mêsa até conseguir arrumação nalgum hotél.

E na verdade passei dois dias excelentes na acolhedora casa. Ao jantar ficávamos á conversa e essa conversa era sempre de interesse e proveitosa.

O distinto professôr era pessoa culta e de muito bom senso. Lembro-me de que, uma vêz, alegando eu que não tinha qualidades de orador e que, quando me arriscáva a qualquer palestra, escrevia sempre o que queria dizer, ele, pausadamente, me observou que, quando se está bem dentro dum assunto, não ha necessidade de recorrer ao papel, que nós, portuguezes, temos o vicio da oratoria e de que para se expôr qualquer coisa é necessario eloquencia.

Ora, dizia ele, qualquer pessoa que conheça bem um assunto não tem de se preocupar com flores de retorica mas simplesmente com o expôr conforme o conhecimento que

dele tem; um conferente é assim que faz e concluia:

— O meu Am.º se souber, á certa, o que quer expôr, não tenha receios da sua falta de qualidades oratorias. Experimente e verá que assim é.

Nunca me esqueci do conselho e, na verdade, depois dessa epoca, em varias palestras que me atrevi a fazer, verifiquei que o Dr. Aarão de Lacerda tinha razão e, devido a ele, ganhei muito tempo que perdia em escrever qualquer bagatela que pretendia expôr em publico.

Instalei-me, depois, no Hotel Universal, á Batalha, que tinha sido a séde do Governo Monarquico; e lá estive até regressar a Coimbra.

Naquela noite de 16, porem, eu e o Carlos Alpoim, fomos até á Praça da Liberdade procurar restaurante para jantarmos pacatamente. Entrámos num, do lado das Cardosas, que o Alpoim dizia ser dos melhores do Porto; estava cheio de oficiais e havia alegre burburinha; a uma mêsa toleriquei o comand.te Rocha e Cunha a quem me dirigi logo. Lembrando-me da explicação

que ele me dera em Aveiro acerca da quase desordem em que as coisas, de começo, corriam e a que ele chamou em linguagem positivista «Estado Teológico», perguntei-lhe em que altura estávamos da Lei dos Três Estados; ele riu-se e continuando a atacar um bife suculento, respondeu-me com sorriso bonacheirão:

— Agora... estamos, como vê, no «Estado Positivo!»

Em uma ou outra mêsa estalavam rôlhas de garrafas de champagne; actrizes e coristas duma companhia de opereta de Lisboa que ficára retida durante a Monarquia, confraternizavam com alguns oficiais mais dados a esse desporto; a atmosfera era, realmente alegre; mas deu-me a impressão para mim desconhecida, do relaxamento publico dos costumes.

Grande parte da oficialid.ᵉ vinha da guerra e habituada a certa largueza de vistas a respeito de moralidade.

E' certo (devo declarar) que não córei; não julgue o meu hipotético leitor que desejo passar por anjinho; apenas deixo notado um aspecto novo para mim da vida

de campanha quando a seguir à vitória se entra numa cidade e se encontra ambiente favoravel á compensação das agruras, das intemperies do tempo e das abstinencias de varia especie.

No dia seguinte, 17, apresentei-me no Quartel-General para receber ordens; comandava a Divisão o Coronel João Pereira Bastos que eu não conhecia pessoalmente; e tinha por chefe do E. M. o meu contemporaneo da Escola do Exercito Manuel Maia Magalhães a quem primº me dirigi e, por sinal, me recebeu friamente — não sei porquê.

No Quartel-Genᵃˡ havia certa confusão e achei graça que pelo sobrado de quase todas as repartições havia grande quantidade de jornais, uns rasgados, outros inteiros. Olhando para a papelada, notei que era o Diario da Junta Governativa Monarquica e sem mais cerimonias, com gana de coleccionador, comecei a juntar por numeros e datas os que encontrava á mão, ou pª melhor dizer, aos pés mas não consegui formar a colecção.

Um tenente qualquer que percebeu o que eu estava a fazer, disse-me que fosse a certa repartição que indicou e onde, na verdade, fui encontrar os numeros que me faltavam para completar a série.

Quando regressei a Coimbra mandei cartonar a colecção que não deixa de ter certo interesse e hoje, nos alfarrabistas se vende bastante cára.

Fui cumprimentar o Pereira Bastos q. me recebeu bem e me disse que eu ficava no Porto com mais dois batalhões como tropas de ocupação até se reorganizar a guarnição e a policia de segurança portuenses dissolvidas, a primeira, com a nossa entrada na cidade, a segunda, dias depois.

Mais tarde, o Pereira Bastos contou-me que pedira ao Cor.el Domingues Peres informações acerca das unidades que comandou e dos seus comandantes porque ia requisitar tres batalhões para ficarem no Porto; e que o cor.el Peres lhe respondeu que em primeiro lugar colocava o meu batalhão porque (explicava) foi o unico que o não incomodou durante as operações e se mantivera sempre com correcção e bom serviço.

Gostei de ouvir isto porque correspondia á verdade e não o deixo aqui escrito por vaidade mas sim porque me vinga, em parte, dos dissabores que tive nos dias da campanha e que deixei contados.

E comigo ficaram mais dois batalhões: um do Regimᵗᵒ de Infª nº 5, comandado pelo Centeno Lopes que vinha na reserva geral; outro de qualquer ~~[illegible]~~ regimento de Lisboa, de que me não lembra o numero, comandado pelo major Caetano Eduardo Freire de Andrade, recentemᵗᵉ chegado do sul.

E assim entrei na vida pacata de guarnição que era, diga-se, monotona; e naqueles primeiros dias de adaptação fui procurando fazer o relatorio da campanha enquanto tinha presente certo numero de coisas que desejava dizer e anotar com o devido <u>espirito</u> <u>critico</u>.

Procurei não magoar o Mendes dos Reis de quem fiquei a gostar; mas não queria deixar de mencionar certos casos que me ficáram a roer na consciencia e na memória. Até final, não quiz <u>incomodar</u> como bem notou o corᵉˡ Domingues Peres; mas depois precisava de me defender.

Era humano e quero crer que não era deslealdade. Enfim, escrevi conforme a gana e lembrei que nunca me forneceram cartas topograficas da região: « Eu sei que V.Exª. (escrevia eu) requisitou cartas para nós mas parece que ninguem se importava com o facto. Quantas vezes eu, querendo explicar aos meus oficiais e reproduzir as instruções de V.Exª. me via em serios embaraços! E quando se realizava uma marcha ou nos dias de combate, V.Exª. mais do que eu avalia as, muitas vezes, insuperaveis dificuldades em que me encontrava. — Contudo, para falar claro, devo dizer que se algum desastre houvesse, motivado pela falta de carta, as culpas cairiam, com todo o peso, sobre mim e ninguem quereria saber de que, os impôrem-me superiormente responsabilidades, não se preocupáram com os meios de *eu* as resolver. »

Lembrei tambem que nunca tive meios de transporte. Nem cavalo nem carro, nem ao menos um *side-car* como lá vi muitos dum lado para o outro. E, amavelmente, ainda acrescentava: « E' certo que V.Exª. disse-me que me servisse do automo

vel que o 3.º batalhão de Infant.ª 24 tinha apre
endido em Ovar; mas é certo tambem que o
sr. Cor.el Peres tinha deixado ficar o auto ao ser
viço exclusivo dos oficiais daquele batalhão e
eu não transmiti a ordem de V.Ex.ª porque sa
bia quanto isso seria desagradavel (e direi
mesmo injusto) para aqueles briosos e valen
tes oficiais. Não quiz, de fórma nenhuma,
crear dificuldades nem aos superiores nem
aos inferiores e o resultado disso foi que nor
malmente andava a pé; quando tinha que
transpôr maiores distancias me servia qua
se sempre dum ordinario char-à-banc que
o comand.te da coluna de munições me man
dou para transportar cunhetes mas cujos ca
valos, de quando em quando, resolviam não
andar; e só uma vez por outra eu pedia ao
capitão Camossa Ferraz de Abreu a cedencia do
automovel que, de resto, ele me cedia logo sem
hesitações e com a melhor boa vontade — mas
que nem por isso deixava de ser uma atenção
e não uma obrigação. — E contudo eu via
quase toda a gente andar em excelentes au
tomoveis...»

E para adoçar as pilulas, terminava as
sim: «Nunca quiz, porem, crear a V.Ex.ª a

menor dificuldade; nunca me queixei e muito menos fiz exigencias; Vex.ª deve ser o prim.ro, estou convencido, a fazer-me a esse respeito justiça completa.»

Terminei o relatorio em 12 de Março e mandei-o logo ~~com~~ ao Mendes dos Reis que me escreveu pouco depois com ligeiros comentarios. Pareceu-me que não gostou do tom em que escrevi. Foi, contudo e como sempre, correcto.

E vim a saber mais tarde que no relatorio dele para o comand.te das forças, me propunha (naturalm.te tambem aos outros majores) para um grau da Ordem da Torre e Espada. Falta completa do sentimento das proporções... E evidentemente a proposta não foi considerada nas esferas superiores.

Mas enfim, vê-se que o Mendes dos Reis não se azedou e não me ficou querendo mal.

E a vida da guarnição continuou com a mesma monotonia. Uns dias passados, depois da nossa chegada, como aliás era de esperar e necessario, foi dissolvido o Corpo da Policia Civil e nós passámos a fazer o policiamento durante a noite para o que se di-

vidiu a cidade em 3 zonas e foi atribuída a cada um dos batalhões uma força de cavalaria p.ª patrulhas.

Fez-se, entre os tres majores, a regulamentação do patrulhamento das zonas; e na verdade, o plano foi bem feito e deu o melhor resultado. Neste plano, devo dizer, teve parte importante o Pestana Lopes que, pela longa permanencia na Guarda N.al Republicana tinha conhecimentos e experiencia que os outros dois não tinham.

O nosso quartel era, como disse, no edificio do regimento de Inf.ª n.º 18, em S.to Ovidio; os poucos oficiais que lá estavam da unidade, nunca apareciam na parte que nos foi entregue; teriam sido <u>colaboracionistas</u>, como agora se diz, e envergonhávam-se.

O major comandante do Deposito raramente vinha á minha secretaria e só o fazia em serviço; deu-me a impressão dum pobre homem ~~[illegible]~~, incapaz de tomar posição nitida naquela barafunda desencadeada pelos monarquicos. Eu tinha pena dele e não me lembro do seu nome; foi, porem, sempre correcto e eu nunca lhe fiz ver a diferença das nossas situações quando, por

qualquer motivo, tinhamos que tratar assuntos de serviço.

De toda a minha estada no Porto, o mais interessante para mim foi o conhecimento com o Pereira Bastos, com quem fiquei nas melhores relações e a quem fiquei devendo um louvôr razoavel no final da chamada "ocupação."

Nas vesperas de regressar a Coimbra ofereceu-me um almoço no Palacio de Cristal a que tambem foi convidado o Zeferino Camossa como 2.º comandante do Batalhão — almoço cordeal que eu não esperava.

E no dia da partida do Batalhão foi despedir-se ao quartel — por sinal que se deu um episodio desagradavel.

Como sabia que ele, em questões de disciplina e arranjo ou atavio dos soldados era homem da velha guarda, na vespera, chamei os comandantes de companhia e pedi-lhes que verificassem bem, nas formaturas na caserna, como os homens estavam fardados para que, na formatura geral, na parada interior do quartel, o aspecto fosse o que devia ser. Eu, quando alferes, aprendi com o capitão Domingos de Freitas como se passava

uma revista e se apresentava um pelotão em excelente fórma como creio contei na altura devida destas m.as memorias; e, durante a minha vida de quartel fui nisso bastante exigente.

Com a guerra e as revoltas varias, esses habitos enfraqueceram e, debaixo desse aspecto as coisas não corriam muito bem. Por isso insisti com os oficiais, na vespera, e na manhã do dia em que o Pereira Bastos devia aparecer.

Ora nesse dia ofereceu-me ele almoço de despedida no Palacio de Cristal; daqui seguimos todos para o quartel de modo que eu não podia ir verificar como as minhas indicações e solicitações foram cumpridas. O Pereira Bastos não quiz subir, entrámos logo na parada interior e mandou fazer o toque de formar o batalhão pois, disse-me, queria falar aos seus homens. Daí a pouco começavam a chegar as companhias...

... Caiu-me a alma aos pés! Aver a entrada dos homens, mal fardados, com os equipamentos mal postos, uns com capote vestido, outros sem ele, uns até com guitarra e violão a tiracolo, o calçado maltratado,

enfim o que se pode dizer duma tropa fandanga que arrepiava o menos experiente em tal matéria.

Eu segredei ao Carmona qualquer desabafo; vi na expressão do Pereira Bastos o desagrado que lhe estava a causar a formatura e não me contive que lhe não dissesse, em voz baixa, que ficára desolado com o pouco brio dos comandantes de companhia a quem fizera insistentes recomendações que, afinal, foram letra morta. O Pereira Bastos respondeu-me que me não preocupasse, que sabia bem que os tempos que corriam não estavam adequados a tais minharias, que eram assim mesmo, etc.

Formado o batalhão e feita a continencia, o Per.ª Bastos, com a voz metalica e forte que tinha, disse simplesmente:

— Vim aqui para me despedir do batalhão e dizer qualquer coisa de agradavel; a maneira, porem, como se apresentou obriga-me a rasgar o louvôr que estava escrito e a ler somente o que escrevi para o vosso comandante...

E passou a ler o louvôr que fez publicar em Ordem de Divisão. Acabada a leitu-

ra, fez continencia e voltou costas; ao partão das armas, eu agradeci-lhe e lastimei a incompreensão dos oficiais tão despreocupados perante o aspecto e disciplina das formaturas.

Deu-me um grande abraço, entrou no carro e seguiu. Eu fiquei aborrecido a valer; entrei no quartel e sem mais cerimónias mandei seguir o batalhão ao seu destino que era a estação de Campanhã onde já deveria estar formado o comboio que o levaria ás varias terras onde as companhias tinham os seus quarteis: Ovar, Aveiro, Coimbra e Leiria.

E acabou-se assim a minha missão de ocupação na Cidade Invicta.

E para fechar com recordação tragica sempre contarei que certa noite, na rua de Costa Cabral, na altura dum prédio grande que fôra fabrica não sei se de tabaco, ao fazer pessoalmente a ronda ás patrulhas que policiavam a zona q. me fôra confiada, fui alvejado por dois tiros que me não atingiram mas quebráram vidros duma janela a uns dois palmos acima da m.ª cabeça. Passáva da meia noite, olhámos em todas as direcções, não se

descortinou de onde os tiros poderiam ter vindo. Ao som dos tiros apareceu logo uma patrulha de Cavalaria a galope e logo a seguir surgiram duas do batalhão — sinal de que a rêde estava bem lançada.

As nentᵃˢ porem é que não houve modo de localizar a origem das balas.

Dei parte, oficialmente, do caso; fez-se a investigação e nada se concluiu — talvez porque não houvesse interesse em se concluir. E pronto.

O atiradôr não era dos melhores ou só quiz meter mêdo; foi porem perfeito na execução.

E agora, terminado o relato militar que foi bem longo, vamos, um pouco, á parte politica.

<u>Lisboa</u>:
21 de Fever.º a 8 de
Março de 1963.

IV.

« Bem pudera eu aqui dar vé-
la ao estilo... »

André de Resende: *Vida do Infante D. Duarte*, cap. I.

« J'aurais encor beaucoup à dire;
Mais un autre le dirá mieux. »

Florian: *Fables*, in épilogue (édon de l'an IX).

Vamos, pois, agora, a um pouco de Política...

Dias depois de estar no Porto, recebi um ofício do Governadôr Civil de Coimbra (que era ainda o Luís Alberto de Oliveira) com a data de 15 do mês (Fevereiro, é claro) comunicando-me que por alvará de 10 do mesmo mês, me nomeava « vogal efectivo da Comissão Administrativa da Junta Geral do Districto» que substituia a Comissão anterior que pedira a demissão

Eu fiquei um tanto ou quanto exaltado com o ofício por ver ainda no Governo Civil o Luis Alberto; a exaltação, é bom dizer-se, ficou comigo...

O Luis Alberto de Oliveira era bom rapaz; dei-me muito com ele nos tempos do Liceu de Coimbra; sempre bem disposto, m.to bem educado, era excelente companheiro de passeios e de serenatas, pois tinha bela voz de tenor que eu, com o violino e os dois irmãos Soares Duque (o Mario e o Raul) acompanhávamos nas noites luarentas e, diga-se a verdade, nas que não tinham luar.

Mas... passado tanto tempo, e perante os sucessos que se tinham dado, a minha irritação (a que, nessa altura, não era estranha grave crise intestinal) não me deixou ser bom companheiro durante o seu tempo de Governador e especialmente no periodo em que estoirou a tormenta monarquica.

Assim, ao receber o ofício, a seguir aos maus bocados por que passei, exaltei-me e tive vontade de ser brutal; deixei passar uns dias em que ia recebendo outras manifestações de amabilidades como o telegrama de Gener.° (so recebido em 21) expedido

pelo Dr. Eduardo Vieira, presidente da Junta Geral que, pela primeira vez reuniu em 17 — e que dizia assim:

«Os seus colegas da Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito de Coimbra, no acto da sua posse, saúdam com o maior entusiasmo V. Ex.ª cuja fé republicana mais uma vez foi posta ~~[illegible]~~ em evidencia para defesa da Republica. O presidente Eduardo da Silva Vieira.» [1]

Nesse mesmo dia 21 respondi a este telegrama nos seguintes termos:

«Ex.mo Sr. Dr. Eduardo da S.ª Vieira e meu Ilustre Amigo: Só hoje recebi o telegrama que V... em 18 do corrente e como Presidente da Junta Geral se dignou mandar-me, saudando-me afectuosamente. Só hoje, por isso agradeço a V... a prova de amizade e consideração com que me honraram, no-

---

(1) Tanto o telegrama como o oficio supra citado estão guardados na pasta anexa dos docum.tos e na pasta dos recortes ficou colada a notícia do telegrama a propósito da posse da Junta.

gando a V... a subida fineza de fazer cientes os outros membros da Comissão Administ.va de quanto me penhorou e sensibilizou semelhante manifestação. — Continuo no Porto, comandando o meu batalhão, por algum tempo; logo que regresse a Coimbra ratificarei estes meus agradecimentos pessoalmente — rogando ainda a V... a subida fineza de transmitir aos Ex.mos Membros da Junta os meus sinceros cumprimentos e, directamente a V... o favor de acreditar na estima e consideração do que é, de V... etc.»

Passados uns dias, a 25, é que rebentou a bomba... Respondi ao Governador Civil de Coimbra ao ofício a que referi acima do Luis Alberto de Oliveira que nessa data já deixara o cargo. Aqui vai:

«Só agora acuso a recepção do ofício n.º 70 da 2.ª Repartição desse Governo Civil, datado de 15 do corrente, no qual o antecessor de V... me comunicava que me tinha nomeado vogal efectivo da Comissão Administrativa da Junta Geral, porque só há dois dias o recebi. — Informo, porém, V... de q.

não posso aceitar o cargo para que fui nomeado, porque não reconheço no antecessôr de V... (de quem aliás sou amigo pessoal) as qualidades de republicano necessarias para fazer nomeações como está. — Alem disto, sou oficial do exercito no efectivo serviço o que é incompativel com o cargo aludido. — Saude e Fraternid.e — Porto, 25 de Fevereiro de 1919 — Etc. »

Não sei já quem é que sucedeu no cargo de Governadôr Civil ao bom Luis Alberto de Oliveira, boa pessoa, como já disse, mas nada talhado para estas andanças da governança — como anos depois para o cargo de Ministro da Guerra onde, aliás (justiça seja feita) se manteve com certa linha e dignidade que não foi correspondida pelo Patrão que um dia o despediu como, em regra, se não não despede um creado.

Mas isso são outros contos e vamos adeante porque ha mais que contar e o tempo vai correndo e apertando.

Naquele mesmo dia 25 escrevi ao Dr. José Rodrigues de Oliveira, chefe visivel dos unionistas de Coimbra a seguinte carta:

«Ex.mo e Pres.do Amigo: Tive conhecimento oficialmente de que fui nomeado para a Comissão Administ.va da Junta Geral como representante do Partido Unionista. Comuniquei já para o Gov.o Civil que não podia aceitar tal cargo porque não reconheço no Governador Civil que me nomeou as qualidades de republicano necessarias para fazer tais nomeações. — Agora, a V... comunico que não concordo com a orientação que o nosso partido tem mantido nesta ocasião pois tenho visto, cá de longe, atraves desta barafunda da campanha, q. não tem seguido o caminho verdadeiramente e superiormente republicano que o momento (a meu ver, é claro) exige. — Nestes termos peço ao meu Ex.mo Amigo o favor de comunicar aos nossos correlegionarios que me afasto temporariamente do nosso Partido pelo menos enquanto vir que a Republica, com o apoio dos republicanos, não está confiada ás mãos leais e sinceras a que devia estar entregue. — Vi de perto a guerra civil pois andei nela empenhado; vi como foram grandes os erros dos republicanos que entregáram aos monarquicos a Republica. Não quero, por isso, ter mais um momento de cumpli-

cidade. — Com a maior consideração e estima, creia-me, meu caro Dr. etc.»

Já me não recordo das reacções provocadas por estas duas investidas do meu mau humor. A campanha contra os monarquicos indispusera-me mal; eu encabeçáva todos os meus incómodos, contratempos e desgostos nos erros dos republicanos que leváram àquele descalabro político, auxiliados, aliás, por toda a malandragem monarquica que, ardendo em fé republicana, veiu para o novo regime com o único intuito de se governar.

Assim, esta correspondencia ressente-se desse meu estado de espírito. Numa carta que escrevi a meu cunhado Costa Ferreira, a 17 de Março, dizia-lhe que andava ainda um pouco «no reino da Barafunda» e dizia mais, não sem alguma vaidade, que o meu batalhão se salientara pela correcção e republicanismo — do que derivára o não o largáram para todos os serviços bicudos e o tornáram uma especie de «poste marra-"das quando se trata de "fitas" na cidade in-"victa...»

E na cidade de marmore também, pois logo oito dias depois da chegada triunfal recebi ordem de prevenção rigorosa para o batalhão estar pronto para marchar, á primeira vez, para Lisboa onde havia qualquer coisa que nunca cheguei a saber o que foi.

O batalhão esteve toda a tarde do dia 24 com armas ensarilhadas na parada interior do quartél á espera de ordens; e se não estou em erro ou confusão iriamos embarcar a Leixões para fazer a viagem por mar.

Que coisa seria para não confiarem nos caminhos de ferro?

A' meia-noite, porem, veio contra-ordem; o batalhão desensarilhou armas e foi dormir pacatamente.

No entretanto, ainda continuava a receber saudações pelo mês de Março fóra: a 2, um telegrama de Oliveira do Hospital, da Comissão Politica Unionista, saudando-me como «heroico defensor da Ponte de Argeja» assinado pelo Manuel de Morais Pequeno, um dos grandes e dinamicos «agentes» do Moura Pinto no alto Distrito de Coimbra; em 15, outro telegrama de Cantanhede, de uns parentes, com identicas saudações ao

«herói dos combates de Angeja...» E ainda no fim de Março, a 29, um outro telegrama de Coimbra, assinado pelo Dr. Rocha Manso que dizia o seguinte:

«Partido Unionista Coimbra reunido assembleia geral eleição corpos gerentes votou unanimidade nome V... Vice-Presidente Comissão Distrital individualidade indispensavel na cooperação partido para engrandecimento Republica mais resolveu saudar em V... exercito republicano tão denodadamente defendeu integridade Republica durante insurreição monarquica — (a) Rocha Manso.»

Por este telegramma vê-se que o Dr. José Rodrigues não fez caso do que eu lhe disse na carta que dias antes lhe escrevera e que atraz ficou transcrita.

E assim acabaram as lembranças da minha estada no Porto como comandante dum batalhão «de ocupação.»

No dia 10 de Abril o batalhão foi dissolvido e as companhias regressáram aos seus quarteis depois do episodio com o Cor.el Perei-

na Bastos que acima contei (1); nessa mesma tarde de 10 regressei a Coimbra, pacatam.te e no dia seguinte apresentei-me no regimento de Inf.ª n.º 35 onde assumi o comando do meu 3.º Batalhão.

Ainda em 12, fui a Aveiro prestar contas perante o oficial de Adm.ão Militar encarregado da liquidação; voltei para Coimbra no mesmo dia com as contas liquidadas e a consciencia tranquila.

Não faltava dinheiro.

Lisboa:
9 a 16 de Março de
1963.

(1) A pag.ª 129-131.

V

> «Recomeço e não invento.»
>
> João Falco: *Começa uma vida*, pág. 124

> «Un livre n'est après tout qu'un extrait du monologue de son auteur. L'homme où l'âme se parle...»
>
> Paul Valéry: *Tel quel*. *Choses tues*. *Moralités*. *Littérature*. Cahier 13 (1930), Ed. Gallimard, a pág. 21.

Estava de novo em Coimbra depois de um período de andanças que me deixou um tanto abalado debaixo de vários aspectos.

Vinha do Porto bastante aborrecido e procurei fugir ao ambiente político semelhantemente ao que me aconteceu em 1915 ao regressar de Lagos a seguir ao caso, aqui largamente contado, de Castelo-Branco, de triste memória para mim.

Presente no regimento n.º 35 em 11 de Abril de 1919, recomecei com as idas e vindas para S.ta Clara. Em regra descia a Couraça de Lisboa, a pé; atravessava a ponte, seguia a estrada que hoje se chama Alameda ou Avenida do Dr. João das Regras e começava paulatinamente a subir a Calçada de S.ta Isabel, a passos miúdos sem cançar a respiração.

Costumava, até, se não houvesse chuva, levar um livro qualquer que na subida lenta, com paragens, ia lendo sempre até chegar ao terreiro. Lembro-me de que tinha livros de leitura ligeira que não obrigasse a grandes atenções, próprios para esta subida bastante violenta.

Ao regressar a casa, muitas vezes subia a pé a Couraça de Lisboa e, do mesmo modo, usava a leitura para ajudar a caminhada.

Mas, a certa altura, comecei a ver que estas idas e vindas, subidas e descidas, me maçavam um bocado; e valendo-me dum Decreto publicado nos meados de Maio, fiz um requerimento, em 23 desse mês, que, por curiosid.e deixo aqui transcrito:

«F... major... etc. tendo visto na ultima Ordem do Exercito que V... determinou pela D. nº 5699, de 10 do corrente, que haja 2.º comandantes nos Regimentos e Grupos Independentes, e constando-lhe que se encontram vagos os referidos lugares do Regimº de Infantª de Reserva nº 35 e 5º Grupo de Metralhadoras para onde desejava ser transferido; e julgando-se ao abrigo da ultima parte do § unico do artº 1º do citado Decreto, vem respeitosamente pedir a V... se digne deferir-lhe a pretenção.»

Era então chefe do gabinete do ministro o meu contemporaneo da Escola do Exercito Liberato Pinto, creatura estranha, de pouca moral, que depois se quiz arvorar em ditador ou salvador da Patria e ainda veiu a dar trabalhos para se lhe amolgar a proa.

Na Escola tinha uma alcunha pouco invejavel: «o alcoviteiro». Não sei das razões do apôdo mas estas coisas não são em regra exfontaneas e o Liberato deixou mau nome atraz de si. Os ultimos anos da vida passou-os recolhido em casa, possivelmente envergonhado do que fez e do que tentou fa-

0-10

ser; nunca mais se falou dele e deixou um filho que poderia ser prejudicado pelo nome do pai se o apelido materno lhe não valesse como salvatério.[1]

Ora a resposta ao meu requerimento não se fez esperar. Ei-la tambem na íntegra, por curiosidade e intenção documental:

« Serviço da Republica. — Lisboa, 28 de Maio de 1919 — Secret.º da Guerra — 1ª. Direcção Geral — 2ª Repartição — N.º 6371 — Ao Sr. Comand.te da 5ª. Divisão do Exercito — Coimbra. — Do Director Geral — Encarrega-me S. Exª o Ministro da Guerra de comunicar a V. Exª. que foi "indeferido„ o requerimento em que o major do R. I. nº. 35, Belis.º Pim.el pedia transferencia para o R. I. R. nº. 35 ou para o 5º. Grupo de Metralhadoras. — (a) José Cesar Ferreira Gil, general. — A Infantaria nº. 35 para tomar conhecimento e devolver. — Em 29 — 5 — 919 — (a) J. Zarrilh, coronel. »

---

(1) Trata-se do Dr. Sulpicio Pinto, actualmente Presidente da Camara Corporativa e não sei quê mais. E' uma das figuras mais saliente da actual situação politica.

Fiquei quase indignado com esta resposta. E digo quase, porque depois de tantas andanças, não tinha verdadeiramente de que me indignar.

Limitei-me a escrever uma carta particular ao Liberato Pinto de que não deixei copia mas de que me lembro bem. Dizia eu que o indeferimento ao meu requerimento não era de estranhar; depois do que se passou, desde o sidonismo, seria mais de estranhar que se deferisse uma pretensão sem importancia de um republicano que apenas pedia transferencia para um quartel ou serviço mais proximos da sua residencia; se o requerimento fosse de monarquico ou creatura duvidosa é que seria para admirar q. lhe ~~o~~ dessem um "indeferido." E com mais qualquer laracha, mandei a carta.

Parece que o coice deu resultado. O Liberato Pinto não respondeu e eu deixei correr o tempo sem tentar qualquer diligencia; o homem, porem, naturalmente pensaria no caso e pela Ordem do Ex.to nº 14, 2ª serie, de 28 de Junho, fui transferido para o 1º Batalhão do regimento de Infantaria 23... O coice teria dado resultado.

E para ser justo, não lhe agradeci, nem dei sinal de qualquer espécie.

Durante estes mêses em que fiz serviço no 35, tive o prazer de conhecer o Professor Hernani Cidade.

Era oficial miliciano do regimento, ganhara nome por actos de bravura nas trincheiras da Flandres; não me recordo bem mas parece-me que chegou a ser dado por desaparecido depois dum grande bombardeamento alemão. O certo é que um dia apresentou-se, vindo de França, com ar modesto e recolhido de quem trazia culpas para confessar.

Alem disso tinha já certo nome nas letras e isso impoz-me a obrigação de o tratar não como qualquer oficial anonimo regressado da guerra mas como figura á parte no maquinismo burocrático regimental.

Comandava então interinamente a unidade, por falta de comando, e nessas funções me mantive desde 12 de Maio a 21 de Junho sem felizmente novid.ᵉ de maior.

Foi neste periodo que surgiu o Dr. Hernani Cidade e me fez pensar em que ele deveria ter tratamento diferente.

Era então ajudante do regimento o capitão Manuel Lopes Duarte Subtil que, zeloso burocrata, vinha já marcado, por imposição da escala, para serviço do recemchegado, uma conferencia ou revisão de calçado se a memoria não me atraiçoa. Se não era isto era coisa equivalente, tarefa pouco agradavel para homem de Letras e, diga-se a verdª, serviço que ele não saberia cumprir, dada a complicação de mapas, de tabelas e varias complicações da legislação dos Conselhos Administrativos.

—Chamei o Subtil e disse-lhe que passasse adeante na escala e nomeasse outro oficial pª aquele serviço. O Subtil, honradamente, deve dizer-se não gostou muito da alteração da escala mas eu fiz-lhe ver as razões que me assistiam e, para contemporizar, disse-lhe que deixasse a resolução para outro dia — forma muito portuguesa de resolver dificuldades...

Felizmente, o tempo ajudou-me. No dia seguinte chegou uma circular ordenando se fizessem palestras nas unidades acerca do que então se chamava bolchevismo que era necessario combater com eficácia; pa-

lestras, não só para soldados como para sargentos, que explicassem o que era a nova doutrina, os perigos para a actual sociedade, etc. etc. Estava achada, com honra para a burocracia militar, a solução...

O Tenente Hernani Cidade foi nomeado para dirigir a campanha contra as novas doutrinas que vinham da Russia, com carta branca para a orientar a seu bel-prazer; e para o caso do calçado foi nomeado qualquer outro que a escala a seguir indicasse.

O certo é que o Dr. Hernani Cidade (que pouco tempo esteve no regimento até ser licenciado) ficou sempre meu amigo e passados anos, aí por 1926 pouco mais ou menos, numa passagem para Caldelas, indo no Porto á Livraria Lelo para comprar certos livros, encontrei-o lá, em conversa com gente da casa. Ele dirigiu-se-me logo e tomando atitude militar lançou-me logo o afavel cumprimento:

— Meu comandante!

E de então para cá é curioso que nunca deixou de me tratar com atitudes de subalterno para o comando. E' talvez a melhor e mais agradavel recordação que te-

nho da passagem pelo regimento n.º 35 em que, por muitos períodos e em tempos agitados, exerci o comando.

Outra boa recordação é a de uma ou outra madrugada a seguir a noites de prevenção (que foram algumas) quando podia sair do quartel para ir sorver o ar fino e frio da manhã ao mesmo tempo que me consolava com a beleza da paisagem do rio, do casario citadino e do pano de fundo das serranias do nascente em que surgia o Picoto de Gois, o alto do Trovim e o dorso suave da minha serra mirandense em cuja base se encastoava a capelinha da Sr.ª da Piedade de Tábuas e se arrichava o alegre aglomerado de Vila Nova de S.to André.

Era então uma boa escapada, fugido ás maciças paredes, tristonhas e frias, do casarão conventual; e subindo ás vezes ao caminho do cimitério, ia vendo alargar o vasto e deslumbrante cenário de serranias que então descobria por de cima do Buçaco, o alcantilado do Caramulo.

Eram repousantes essas surtidas matinais, depois dum café quente com torradas; ficava-me enternecido a olhar e a

sentir vagas saudades que não identifica-
va. Saudades ancestrais que vinham do
sangue mirandense, talvez, e que ali sen-
tiam a Natureza empolgante que me atraía
e me fazia considerar o erro da vida que
escolhi.

Sei lá!...

Do que me lembro bem, embora desa-
parecidos 44 anos cheios de encontrões, é
que não era raro sentar-me em qualquer
pedregulho ou muro baixo do caminho e
ficar-me a olhar, sem fixar, a olhar toda
aquela beleza muitas vezes perturbada por
ligeiro véu de lagrimas.

Não saberia definir o que sentia. Por-
ventura uma ancia de libertação que
aquela amplidão da Natureza provocava,
libertação dos liames vãos da vida, de cer-
to numero de preconceitos que me torturá-
vam, do reconhecimento de erros cometidos
no caminhar da existência, tudo naquela
hora já sem remedio — mas que vinham
encontrar ao menos, tanto quanto possivel,
naquele prodigio de beleza, um consôlo
tonificante. Quando voltava para o quar-
tel, ao ouvir um ou outro toque de corneta

que me chamávam á realidade, vinha tal-vez um pouco mais leve; deixára por aque-les vales e serranias, pelos pinceirais do Mondego, que lá em baixo corria entre in-suas verdes, algumas agruras da vida, pe-lo menos algumas entre tantas que me preocupávam e amarguravam.

Era, como hoje se diz vulgarmente, uma evasão... E acontecia que ao passar pela sentinela que á porta das armas me fazia a continencia do regulamento, eu não me limitava a corresponder com outra conti-nencia na forma regulamentar; tomava ares paternais e dizia-lhe e aos soldados que por ali estavam:

— Adeus, rapazes! Bons dias!...

E entrava consolado no triste casarão conventual.

Todo este desfiar de recordações me lem-bra um passo do bom Paulo de Mantegazza que ha pouco li: «O velho é um livro vi-vo e falante que aberto ao acaso em qualquer

---

(1) Elogio da Velhice, versão de Delfim Varela, pag. 130 da 4.ª ed.

página, tem sempre alguma coisa nova e interessante a narrar-vos.»

E para não deixar mal o velho psicólogo quero dizer também que, embora no regresso do Porto me procurasse afastar da política, a verdade é que, sem querer, me via um pouco preso pelo amigos unionistas que, volta e meia, me procuravam e me queriam ver na actividade.

Uma das razões da minha vontade de afastamento era o Moura Pinto que continuava a ser o Deus ex-machina das trapalhadas e mas trapalhadas políticas do Alto-Distrito e não me entenderia com ele nem queria arranjar complicações. Era pois melhor afastar-me discretamente.

O Moura Pinto, apesar de tudo, não mostrou ressentimento e o tempo fez esquecer o caso da eleição de 1915. Durante o periodo sidonista que a todos tocou e depois o da revolta monarquica, o Moura Pinto veio amavelmente ás boas. E eu também <u>esqueci</u> e continuei, sem reservas, com as boas antigas relações.

Digo sem <u>reservas</u>; mas na verdade com certas e naturais cautelas...

Ora deu-se o caso que se lembráram novamente de mim para Deputado ou Senador (não me lembro já) nas eleições que se fariam a seguir á Trauliténia. Eu ia ser mais uma vêz jogado como trunfo nas combinações eleitorais do Moura Pintó.

Mostrei-me logo irredutivel e não admiti a hipotese de me deixar arrastar por falas mansas. Quando vim a saber dos projectos que me diziam respeito, escrevi uma carta ao Moura Pintó de que fiz copia e que aqui deixo na integra:

« Coimbra: 6 de Maio de 1919. — Exmo Amigo. — O nosso amigo Costa Rodrigues reproduziu-me a conversa que tiveram acerca da politica do nosso Districto — que anda (Louvado seja Deus!) cada vêz mais á matroca. — Eu ando afastado dela, felizmente, desde que os correlegionarios da terra resolveram cumprimentar o ilustre Solano de Almeida, Com monarquico que nos caiu no Governo Civil ha um ano e tanto. Estou, pois, alheio aos casos de que deseja que eu tome conhecim.^{to} — Agradeço muito ao meu Exmo Amigo, assim como ao Directorio, a boa vontade em

me quereram propôr, mais uma vêz, Senador por Coimbra; eu, porem, insisto: não desejo ser proposto por qualquer circulo, mas por Coimbra e ... arredores, muito menos! — Quanto ao Mario de Vasconcelos (mais outro monarquico...)[1] e ao Pinto Serra[2], são casos de que só as comissões devem tratar. Eu fui nomeado para uma, mas não tomei posse nem tomo pelas razões acima, a menos que alguma coisa extraordinaria venha rachar-nos de meio a meio... — Já lhe devia ter escrito; mas a vida andou atrapalhada com varias coisas e continúa a andar. Vou daqui a pouco para o Hospital M.ar com baixa por ordem superior por causa de uma casmurrice do general Braz Mousinho de Albuquerque (oh! os Musinhos!...); quando de lá voltar verei se lhe poderei escrever com mais vagar e se o poderei felicitar pela sua vitoria eleitoral em Aparil. — Com toda a estima, etc. etc.»

Esta baixa ao Hospital M.ar a que me re-

---

(1) Advogado em Cantanhede.
(2) Não me recordo já quem era.

Isto é um episódio da minha vida que documenta o que são os favoritismos concedidos a certas pessoas e as baixezas a que se prestam outras.

Valerá a pena estar aqui a contar o que foi?... Sempre direi: foi a minha nomeação para serviço que me não competia a causa do episódio.

A outros competia a nomeação: um, o major Alberto dos Santos Pereira Monteiro (o meu condiscípulo <u>Tinturas</u>) mas não foi o nomeado porque era o favorito, o ai-Jesus dos generais; o outro, o Tasso de Figueirêdo, que não quiseram nomear porque não o julgavam idóneo para comandar um batalhão que teria de ir a Lisboa meter na ordem certas veleidades políticas dos irrequietos.

O serviço, realmente, não era de invejar e era até de recear; logo... cá estava eu para as espigas. Era então chefe do Estado-maior interino da Divisão o cor.el João de Morais Zamith; fui dizer-lhe o que entendia e expor-lhe que andava (como de facto andava) muito atacado de <u>grippe</u>. Percebi que ele, intimamente, concordava comigo, mas o gen.al Braz Mousinho de Albuquerq.

dera assim as ordens e não havia que dis-
cutir...

Eu então recusei como doente. Como consequencia deram-me uma baixa ao Hospital militar. Foi isto a 6 de Maio, dia em que escrevi a carta supra.

E fui, é claro, á tarde, para o Hospital onde passei a noite seguinte a pé porque a cama do quarto que me deram estava superiormente habitada por percevejos; reclamei, sem resultado. Os percevejos parece que eram da ordenança.

Estive quase abandonado e o medico que me apareceu, o dr. João Marques dos Santos miliciano contratado e já professor universitario, não me quiz considerar como doente embora não me fizesse qualquer observação clinica.

Disse-lhe que procedesse como entendesse. Não sei o que se passou na secretaria entre os medicos; resolvi esperar e entregar-me á sorte.

Com 8 á tarde, deram-me alta com 3 dias de convalescença. E isto sem que, da parte da direcção ou até a secretaria, houvesse a minima prova de atenção e,

o que achei mais curioso: sem alimentação, além duns copos de leite de tempos a tempos.

Enfim, regressei a casa e soube que foi o Tasso de Figueiredo o nomeado para a diligência que não chegou a realizar-se...

Deixei correr a pena sem querer. O episodio não valeu a tinta gasta, mas já agora não risco o que ficou escrito; sempre é um documento.

... E para a História todo o documento pode servir.

Apresentei-me em 11 no regimento e no dia seguinte assumi o comando interino como referi acima.

E assim os dias foram passando até que em Julho, no dia 18, recebi guia de marcha para o regimento de Inf.ª nº 23 para onde fôra transferido pela Ordem do Ex.to nº 14, 2ª série, de 28 de Junho anterior. Apresentei-me no 23 em 19 e assumi o cargo de 2º comandante por uns dias, não me recordo já porque motivo, pois o meu cargo era o de comand.te do 1º batalhão.

O comand.te do regimento era o Morais Zamith que sempre se deu m.to bem comigo

e a vida seguiu monotona, com o serviço rotineiro de secretaria, apenas com variante de uma ou outra prevenção rigorosa e pernoita por varias vezes no quartel, como oficial superior, acompanhado de dois ou tres oficiais e um pelotão de armas ensarilhadas na parada — para o que desse e viesse. Era a instabilid.ᵉ politica consequente ao abalo produzido pela revolta monarquica no Porto que tinhamos que suportar, tanto mais que os republicanos continuávam a degladiar-se e os monarquicos que vieram «com alma e coração» para o novo regime, faziam o possivel por embrulhar mais o q. já andava suficientemente embrulhado.

Estava então no regimento não me lembro se já ten.ᵗᵉ coronel se ainda major antigo, o Joaquim Torres, oficial muito desembaraçado, conhecedor dos serviços, antigo instrutor de ginastica na Escola Pratica de Mafra. Se a memoria me não falha, houve qualquer coisa com ele na guarnição em que estava e mandáram-no para Coimbra.

Era monarquico e não escondia as suas preferencias politicas; era olhado, por isso, em Inf.ª 23, com certas desconfianças por al-

guns oficiais menos tolerantes e pela maior parte dos sargentos. Dei-me sempre muito bem com ele e nalgumas ocasiões consegui evitar atritos; e o proprio Zarrilh, apesar de não ser para audacias de responsabilidades, foi sempre com ele atencioso — e com razão porque no serviço manteve-se com correcção, rigôr e saber profissional e nunca notei que o seu monarquismo influenciasse qualquer dos seus actos oficiais.

Apesar de tudo isto, os sargentos arranjaram-lhe qualquer cabala e ele foi transferido, salvo erro, para Aveiro. Eu protestei, mas o cor.el Zarrilh não se atreveu a fazer valer a autoridade do comando.

Mais uma machadada na disciplina e mais uma pedra para a embrulhada politica em que se estava a viver.

Veiu o verão; em Outubro fez-se segunda encorporação de recrutas do ano e eu fui nomeado para dirigir a instrução dos mesmos, organizados em batalhão, dado o seu grande numero, ainda umas centenas de homens de todas as provincias.

Havia bastantes estudantes universitários, empregados de escritório e caixeiros q.

foram reunidos em um pelotão especial cujo comando dei a um tenente miliciano também estudante.

A instrução seguiu os trâmites normais e em fins de Novembro deu-se a visita a Coimbra do Presidente António José de Almeida recentemente eleito.

Boatos fervilhavam; dizia-se que os monarquicos fariam manifestações desagradaveis e que os democraticos também, etc. etc. O Governador Civil era o medico António Malva do Vale que fôra condiscipulo e amigo do Presidente mas nessa altura desavindos por caturrices politicas.

Este Malva do Vale, segundo me pareceu, era má rolha e houve quem receasse qualquer incidente desagradavel durante a visita; contudo, manteve-se sem novidade de maior embora, talvez, sem tomar a serio o seu papel.

Comandava nessa epoca o batalhão da Guarda N.al Republicana o meu condiscipulo Luis José da Mota a quem o sidonismo não perdoara a sua aliança com os democraticos e a posição tomada durante guerra; falámos um dia acerca dos possiveis mane

jos dos desordeiros e combinámos sairmos umas vêzes com as nossas forças em passeio pela cidade para que se ficasse sabendo que havia na guarnição gente suficiente para dominar qualquer veleidade zarapateira.

Realmente, logo que os recrutas chegáram a estado de se apresentarem na rua com certa linha, dei o primeiro passeio até á Ínsua dos Bentos onde hoje está um belo jardim; fiz ali varias evoluções e exercicios que juntáram publico suficiente e regressei ao quartel pelo Calhabé.

Dias depois, pedi ao Zarith licença e saí com a banda regimental á frente; fiz então a travessia da cidade, á tarde, á hora a que se juntam os ociosos na pasmaceira e as damas costumam fazer as suas compras.

O Luis Mota, por sua vêz, tambem saía, um dia por outro, com batalhão e um pelotão de Cavalaria; e aconteceu que em uma tarde, sem haver combinação encontrámos-nos ao cimo da rua do Visconde da Luz. Eu subia, ele descia. Fizeram-se as continencias do estilo e houve engarrafamento porque, quer uma quer outra coluna eram de certa profundidade e levámos tempo a deixar livre o transito.

Felizmente, durante a visita presidencial não houve novidade. A 29 de Novemb.º o Dr. António José de Almeida chegou pelo meio dia se bem me lembro; eu fiz a guarda de honra com a direita do batalhão postada no Largo das Ameias; e depois do cortejo passar para a Camara Municipal segui pelas ruas da Calçada e de Visconde da Luz para prestar nova continencia quando o Presidente assomou á varanda do edificio.

Depois, á despedida, na manhã de 2 de Dezembro, nova guarda de honra — e tudo correu sem qualquer alteração da boa ordem.

Em 30 de Dezembro a instrução dos recrutas acabou e o ano assim passou sem me deixar saudades.

Entrou então novo ano — o de 1920.

Durante os seus 365 dias não houve coisa grande p.ª contar.

No País a politica continuava embrulhada; o Presidente Almeida, com a sua boa fé e (diga-se sem receio de exagêro) a sua grandeza de alma, ia levando a barcaça do governo com calma e certa habilidade, evitando, tanto quanto possivel, os baixios do mar agitado.

Pela parte que me toca, continuei na minha vida de major do 1º Batalhão de Infantª nº 23 sem qualquer atrito ou mal entendido; uma vêz por outra fiz as vezes de 2º comandante e em Março, por cinco dias, na ausencia do Zamith, fui interinamente o comandante.

Ora acontecia que o 5º Grupo de Metralhadoras tinha o seu aquartelamento no mesmo edificio do regimento 23, na ala nascente; comandava-o o meu condiscipulo Alberto dos Santos Pereira Monteiro já aqui falado, com quem andava de relações cortadas por qualquer fajardice que ele fez — no que, aliás, era useiro e vezeiro.

Entre os tres capitães do Grupo estavam o Eduardo da Cunha Oliveira e o Augusto Casimiro, velhos amigos que começaram a aparecer no meu gabinete de major a seduzirem-me para eu ir para lá como 2º Comandante, cargo que ia vagar pela saída de qualquer oficial que já me não lembra quem era.

Eu resistia porque as minhas relações com o Monteiro eram más porque estavam praticamᵗᵉ cortadas; porem os dois capitães e,

principalmente, o Oliveira, afirmavam que o Monteiro é que me queria lá, q. não propunha outro 2º. comandte. e que esperava que eu anuisse, etc.

Verdadeiramente, não me largavam e queriam evitar que lhes surgisse, por imposição superior, qualquer outro major que lhes não agradasse. Enfim, tais coisas disseram e tanto insistiram que eu falei no caso ao coronel Zarmith que, delicadamente, não opôz dificuldade na minha saída, mas ficou visivelmente contrariado.

Deu-se sempre bem comigo e tinha confiança em mim; durante o tempo que servi com ele notei que era comigo que se entendia em qualquer caso menos corrente e eu, verdade, verdade, tambem me sentia satisfeito no ambiente. Notava que os oficiais me atendiam bem como ~~[illegible]~~ igualmte. os sargentos — gente esta com quem, nessa altura, era necessario saber lidar.

Durante o periodo da Junta Militar do Porto e o seguinte da Monarquia, os sargentos foram, na verdade, dedicados e essa dedicação deu-lhes certa importancia de que, por vezes, quizeram abusar. Houve mo-

mentos em que a diplomacia do Zarrith conjugada com a minha influencia junto deles, resolveu uma ou outra impertinencia surgida no ambiente de inquietação em que mais ou menos se vivia.

Voltando ao assunto acima.

O Zarrith não contrariou a minha saída do regimento, se bem que contrariado, e eu autorizei o Monteiro a propor-me.

E de facto, por determinação da Secretaria da Guerra, em nota de 28 de Março, confirmada por Ordem do Ex.to n.º 4, 2.ª serie, de 31, fui colocado como 2.º Comand.te do 5.º Grupo de Metralhadoras.

Em 31 do mesmo mês de Março, apresentei-me no Grupo onde fui bem recebido. O Monteiro acolheu-me afavelmente e... ficámos amigos.

A vida no Grupo era diferente. Havia lá um escol de rapazes que davam á unidade certo nome e fama.

Os capitães eram os dois já citados e o José Maria Correia Cardoso que se distinguia pelo seu aprumo e rigor de comando. Os subalternos eram, em geral, rapazes que

estudavam os preparatórios para o Estado-Maior como o Frederico Lopes da Silva (já falecido), o Manuel Gomes de Araujo, actual ministro da Defesa[1] e o nunca assaz louvado Fernando dos S.tos Costa, futuro ditador por conta do verdadeiro Patrão; ou se formavam em qualquer Faculdade universitaria como o Luis Gonçalves Rebordão e o Agostinho Seguro Pereira, em Direito; o Vitorino Peres Furtado Galvão em Farmacia; e o proprio Correia Cardoso em Ciencias Naturais, preparando-se para professor liceal como de facto foi e muito distinto. Tambem lá encontrei o Fernando de Oliveira Leite, alferes "pratico", muito afeminado, bem educado e sabedor.

E neste momento em que escrevo, não me lembro de qualquer outro que sobresaisse acima do vulgar.

Davam-se todos muito bem; e muitas vêzes saía com eles a cavalo, pelos arredores, não só por passeio mas tambem com a intenção de lhes dar noções variadas quer dos terrenos, quer de episodios historicos ligados com os mesmos e até, quando calhava,

---

[1] Pagina escrita em Março de 1963.

uma ou outra «preleção» sobre assuntos de Arte que eles ouviam se não com interesse e proveito, pelo menos com atenção.

Um dos mais assiduos companheiro era o Seguro Pereira que ha pouco ainda, em carta que me escreveu, lembrava esses tempos que considerava dos melhores da sua vida ao mesmo tempo que celebrava a distinção do grupo dos oficiais. Com este rapaz, hoje director dum colegio no Porto, advogado e creio que ainda director da Censura na cidade da Virgem, dei muitos e bons passeios nos arredores de Coimbra.

Lembro-me bem de que um deles foi a Condeixa e, dando a volta pela abertura da Gargantada, e pela aldeia do Casal Novo, lhe fiz larga prelecção sobre a retirada do marechal Massena em 1811 que ele ouviu atento quer durante a cavalgada quer, depois, na vila, abancados pacatamente a uma mesa de uma desta casa de pasto nos baixos dum palacio mais ou menos em ruinas hoje desaparecido perante a onda de melhoramentos materiais.

Com o Augusto Casimiro tambem dava largos passeios a cavalo; mas com este o ca